



AVULSO

ESC.

1.20

ANO II—N.º 98

1

ABRIL

1943

*Primavera
em flor!*

**Vida
Mundial**

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

AQUI entre NÓS

SOBRE a nossa mesa de trabalho abre-se o último livro de Rocha Martins, escritor que realiza o prodígio de escrever três volumes por dia. O seu último livro é um romance histórico—*O Bichinho de Conta*—em que se descreve uma série de episódios do tempo do Marquês de Pombal. O romance oferece-nos o duplo interesse do assunto e da maneira por que ele é tratado. Não resistimos a transcrever, pelo conteúdo filosófico, algumas linhas do prefácio com que Rocha Martins apresenta a sua última obra: «Estou em dizer, e não é muito grande a audácia, que os homens, através dos tempos, têm mudado mais o feitiço dos trajes que das almas. Um exemplo basta, nesta época de terrível carnificina e de tiranias: os soldados de hoje só diferem dos do duque de Alba ou dos de Napoleão, nas horas bárbaras do combate, pelo uso de armas mais engenhosas ou mortíferas». É isto mesmo. Na verdade, tudo quanto se mascarou de civilização desaparece quando os homens pegam em armas para se aniquilarem—em nome do Direito e da Paz! Rocha Martins tem razão.

|||

O jornalista Mário Azevedo fazia, há pouco, na *Gazeta de Coimbra*, e em artigo de fundo—à *toute seigneur, toute honneur*—o elogio do avental usado pelas raparigas da beira-mar. Nada mais justo. Entretanto, esse elogio deve justamente ampliar-se aos aventais das raparigas do campo. Como sabem, o avental constituiu, primitivamente, um resguardo destinado, em certos mestres, a preservar o fato de nódoas e sujidades. Não tardou que a garridice da mulher—muito com o fim de agradar ao homem—fizesse desse resguardo uma pequena maravilha de tafalária. O avental, sobretudo o avental domingueiro—converteu-se, em muitos casos, numa graciosa obra de arte doméstica. Se chapéus há muitos, aventais não os há menos. Na sua diversidade de feitios, cores, de desenhos, dir-se-ia retratar-se a própria volubilidade feminina. Na

Inventário & Balanço

MORAR

Surgiu impetuoso debate sobre um projectado aranha-céus na Avenida. A volta do caso formou-se certo ar de polémica, em que um arquitecto e a Câmara Municipal saíram a terreiro para propor suas alegações. Quem estava pelo direito? A paixão faz cegar as discussões e ninguém quere ver mais que a sua própria razão sem curar da dos outros. A Câmara tem razão quando vem dizer que Lisboa não precisa de aranha-céus para coisa nenhuma, porque tal género de construção é um recurso que se adopta onde falta o espaço destinado a edificar. E a verdade é que, em Lisboa, essa hipótese não se verifica, pois há espaço e espaço por onde escolher. O arquitecto tem razão quando fala do delírio da grandeza de construções que actualmente se observa em prédios e mais prédios do tamanho da légua da Póvoa e as respectivas rendas em dimensões proporcionais a esse delírio. Lisboa precisa, realmente, de casas novas, de muitas casas, limpas e higiénicas, mas necessariamente pequenas para que os seus preços sejam acessíveis ao comum dos mortais. Como explicar, realmente, as rendas de conto e mais—se a maior parte das pessoas tem vencimentos totais—para morar, comer, vestir e educar os filhos—inferiores a essa importância? O desequilíbrio é eloqüente.

COMER

Vai estabelecer-se o sistema de racionamento de alguns géneros dos que mais faltam. A medida não traz consigo sinal que dê ao júbilo: significa falta do que se desejaria abundante. Mas da presença dessa falta já todos estávamos bem informados pela experiência. O rateio oficialmente estabelecido e fiscalizado aparece, entretanto, como sinal único de confiança, e garantia de um justo critério de equitativa distribuição. Aplauda-se a medida como um mal que se tornara absolutamente necessário.

VIAJAR

Está quasi pronta a obra do que tem sido chamado «gare» marítima de Lisboa. A obra é de um grande efeito e de um avultado encantamento. A comodidade e a acessibilidade dos portos, o seu apetrechamento e o preço das suas taxas são as razões que fazem prosperar ou apagar-se a sua frequência. Quando a guerra acabar, o mar voltará a ser sulcado alegremente pelos barcos de turismo ou de comércio. Lisboa, nessa altura, deve ter pronto o seu cartaz.

verdade, o avental cingindo os quadris das raparigas, e ondulando ao seu meneio voluptuoso, não constitue apenas um risinho tema de folclore ou uma ingénua expressão de arte: constitue, também, um pouco, a imagem da alma e do coração da mulher que se permite o luxo de o usar.

|||

ASSISTIMOS, uma noite destas, a um espectáculo de circo. Durante duas horas, tivemos a radiosa impressão que voltáramos à mocidade. O circo tem, de facto, muito de caixa de brinquedos que nos prende e nos seduz. E, entretanto, aquilo, no fundo, é a vida! A vida, observando bem, constitue o grande circo, com os seus equilibristas, os seus palhaços, os seus «jongleurs» de idéias e de palavras, as suas feras, mais ou menos domesticadas, — que só aguardam o momento oportuno de nos releverem os seus instintos. A própria ansiedade e o próprio perigo de morte que, por vezes, passam, num arripio, sob as cúpulas, são, de certo modo, a ansiedade e o perigo de morte de quem vive. A vida é, afinal—se nos é permitido o *double-sens*—o grande circo... vicioso.

|||

NUM pequeno volume, de origem inglesa, sobre grandes marinheiros, encontramos a propósito de Fernão de Magalhães—um dos maiores marinheiros portugueses—uma nota curiosa acerca dos mantimentos com que o ilustre navegador iniciou a volta ao mundo, em Setembro de 1519. Alguns números elucidativos: 2138 quintais de biscoitos; 5700 libras de carne de porco fumada; 984 queijos; 7 vacas leiteiras; 417 pipas de vinho; dezenas de sacas de farinha, de feijão, de arroz, de lentilhas... E se nos dão licença, ficamos, por aqui, pensando que, se Fernão de Magalhães ressuscitasse, e quisesse, nesta hora de crise alimentar, iniciar uma nova volta ao mundo, não levaria mais do que meio quilo de arroz e cinquenta gramas de manteiga—se levasse!

Vida
MUNDIAL
ilustrada
PUBLICA-SE TODAS
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 2 5 8 4 4

O esforço de guerra das nações unidas

— * —



Em determinado campo de aviação no norte da Tunísia, o general Spaatz, chefe da aviação americana em operações, conversa com um piloto da aviação francesa, acêrca do ataque às posições do «Eixo», antes da largada duma esquadilha que leva missão reservada.



A serenidade e a fleugma britânicas revelam-se seja onde fôr. Este tripulante dum carro blindado, nas horas de repouso não abandona o seu ofício: concerta relógios dos superiores e dos camaradas — relógios que se escangalham devido a altas temperaturas e aos temporais de areia.



Numa das enfermarias, em pleno campo de batalha na Tunísia, o serviço é feito por enfermeiras britânicas, que nunca abandonaram os seus postos.

A tomada de Sirte ficou assinalada como um dos maiores feitos do exército britânico. A gravura mostra-nos o estado naquela região dos primeiros carros blindados do 8.º exército



4ª Psicologia dos Brinquedos na guerra e na paz



Talvez o primeiro brinquedo... e um sono longe do ruído dos aviões...

ESTE assunto não nos pertence: comprar brinquedos, vender brinquedos, inventar brinquedos — tudo isso pertence ao mundo dos pequeninos, às suas preocupações mais sérias e aos seus objectivos mais imediatos. É certo que à gente crescida é que compete manejar essa mola que, no fundo, não passa de ganhar ou não gastar dinheiro...

A verdade é que, pelo facto ser um assunto de graúdos para miúdos — os primeiros nem sempre olharão o problema em todos os aspectos anexos a esse ser minúsculo que é a pombinha da paz ou a espingarda da guerra... Não há dúvida: o caso é

muito sério—do ponto de vista económico mas mais ainda do psicológico, com vista à formação do carácter da pessoazinha que é a criança.

Geralmente, aqueles que compram brinquedos para os seus «bébés» olham ao preço, em primeiro lugar; depois à garridice das cores e das formas. A sugestão é factor indispensável na operação da compra e venda: «ele vai achar engraçado...» — é muito mais importante que: «isto faz mal à sua imaginação,

Os que não têm brinquedos caros também se divertem à sua maneira.

aquilo fortalece a má tendência, ao meu filho que é muito impressionável aqueloutro não faz bem...».

E no quarto da criança caem por exemplo os soldadinhos de chumbo, os aviões, os cruzadores de batalha, os «tanks», tudo o que é próprio e impróprio para a sua formação moral.

Deve dizer-se, entretanto, que certos estados de espírito são colectivos. Este, por exemplo, de preferências na compra de brinquedos,

corresponde a ciclos especiais. Assim, a escolha de instrumentos de combate foi um fenómeno' do ante-guerra, uma espécie de exercício de batalha, uma preparação psicológica do conflito. A guerra, em tempo de paz, domina os espíritos que em tempo de guerra se preparam para a paz. É um fenómeno curioso, que a qualquer de nós podia ser confirmado por vendedores de brinquedos: meia dúzia de anos antes deste conflito, havia uma febre total no adextramento da criança para a guerra. Hoje, que o mundo está em luta e os adultos sentem o temor da sua responsabilidade — o mundo em contricção volta a criança para os brinquedos que não lhe sugiram ódio, guerra e sangue...

Até quando, esta fobia da guerra! Entretanto, seria engraçado que o leitor, por curiosidade amena, entrasse em meia dúzia de casas de brinquedos e assistisse ao diálogo:

— É menino? Então uma espingarda, um «tank»...

— Não, não, prefiro alguma coisa que não lhe sugira idéias más... Fartos de guerra estamos nós...

E os cavalinhos, os animais amigos, as bonecas e as casinhas para as meninas, tudo o que inspire tranquilidade amiga e doce paz vai cair no regaço das crianças. E mais: as construções para armar. Estão em moda. Eles e elas, pequeninos de todos os tamanhos, gastam horas a fazer e a emendar construções — como se, de facto, a eles incumbisse a reconstrução do mundo de amanhã...

As casas de brinquedos continuam a abarrotar de bugigangas. Mas nota-se que tudo em que entra o ferro, a fôlha de Flandres, o chumbo ou o estanho pretende de-





saparecer: a madeira, o feltro, tudo o que não seja indispensável às indústrias de guerra, forma agora o elemento n.º 1, na fabricação de brinquedos. As nossas indústrias da especialidade estão, de resto, muito mais prósperas agora. No Pôrto, por exemplo, em Gaia e Vila da Feira,

há fábricas que vão à frente, de camisola amarela. É que, para o caso, a guerra veio obrigar o nosso meio industrial a olhar mais esse pequeno grande problema. A madeira é hoje, na verdade, a matéria mais usada nos brinquedos e o certo é que o «bébé» liga-lhe tanto, como

Uma cena de rua: O que estão vendo com tanta atenção? — Talvez um boneco da Benard...
À ESQUERDA: Na mostra — «Oh, que engraçado, mamã!»



se fôsse de fôlha ou de volfrâmio...

Por outro lado, hoje que a indústria francesa não pode já mandar em condessinhas as suas deliciosas popées, que as indústrias italianas e alemãs foram chamadas a fazer «tanks» de verdade, em lugar de soldadinhos de chumbo — a boneca de feltro portuguesa entrou num caminho seguro de graça e perfeição que vai concorrer amanhã, estamos certos, com os bonecos de todo o mundo. Não são somente os bonecos de Brás Burity, de Piló ou de Júlio; em Lisboa há senhoras que fazem bonecas de feltro graciosas como esta que reproduzimos nesta página e que são um exclusivo da Benard.

Naturalmente, a nossa indústria de bonecação não tem máquinas nem salões para serem filmados em grandes planificações... Tudo é simples e diferente: como sempre, é a arte, a vontade e a necessidade que suprem as faltas das grandes industrializações. As mãos de fada são as únicas operárias e os únicos maquinismos...

Por isso as crianças terão sempre, mesmo que a guerra se prolongue, o seu quartinho de brinquedos renovados. As que podem, já se vê: porque há muitas para quem não há Natal em nenhum dia da vida. São as que não têm brinquedos — as que brincam sem brinquedos ou se contentam com o ver brincar os outros...

O primeiro pensamento da criança: «fazer de mãe, vestindo a boneca predileta...



Depois da
Vitória
de
Africa!



Entre nós



O acto da posse do novo comandante distrital da «Legião Portuguesa», sr. coronel José Mousinho de Albuquerque, que substitui o sr. tenente-coronel Coutinho da Costa. Foi presidido pelo sr. dr. Costa Leite (Lumbales), comandante do posto central da «Legião Portuguesa».



Nos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes, inaugurou-se a Exposição do pintor João Reis. Ao acto assistiu o sr. Presidente da República, acompanhado pelos srs. general Amílcar Mota e capitão Carvalho Nunes. O chefe do Estado era aguardado no vestibulo pelos srs. Ministro da Educação Nacional, dr. Mário de Figueiredo; dr. Jaime Lopes Dias, director dos Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa e outras altas individualidades do meio artístico e social.



Por iniciativa do sr. dr. Jorge de Faria, director da secção de Teatro do conservatório Nacional realizou-se naquele estabelecimento de ensino, uma sessão comemorativa do cinquentenário da 1.ª representação da peça «Os velhos», de D. João da Câmara. Foi uma cerimónia simples, breve, mas altamente significativa nas suas intenções.



Partiram para Madrid, a convite da Confederação do Ginástico de Espanha, dois grupos do Ginásio Clube Português, um feminino e outro masculino — que ali foram participar numa exibição de ginástica. Os desportistas com os dirigentes do clube que os acompanharam a Madrid foram apresentar cumprimentos ao director geral de Desportos sr. tenente-coronel Salvação Barreto.

Na Escola Superior Colonial começou há dias, o ciclo de conferências de alta cultura colonial, organizado por iniciativa do sr. ministro das Colónias e que se destina aos alunos daquele estabelecimento de ensino. Foi conferente o sr. dr. Nunes de Oliveira,

Na Casa da Itália realizou-se uma recepção da colónia daquele país, como fecho da Exposição do Livro de Itália, patente nas salas do Teatro Nacional de D. Maria II.





Greer Garson, a notável artista que a Academia Americana de Artes e Ciências Cinematográficas acaba de proclamar «a melhor atriz de 1942», tendo em vista a sua actuação no filme «Mrs. Miniver», crónica da vida de uma família inglesa sob o flagelo da guerra. Greer Garson notabilizou-se em «Adeus Mr. Chips» e «Flores de Po» e acaba de alcançar um novo êxito em «Random Harvest», que Lisboa verá na época que vem, com o título de «A Noiva Perdida».

7 dias de Cinéma

por Fernando Fragozo

SEIS Destinos» mais do que um filme— é uma essência. No poder aliciante do elenco, tem o encanto sedutor do aroma que nos atrai. Na destilação dos elementos do espectáculo, há todo o sistema de concentração, que resume o labor dos perfumistas.

Hollywood escolheu catorze — catorze, reparem bem! — dos mais célebres autores cinematográficos; juntou dezasseis artistas de primeira categoria; entregou a direcção, a fotografia, os «décors» a nomes consagrados. De retorta em retorta, de decantação em decantação, de filtragem em filtragem, levou o espectáculo a um grau de pureza invulgar. A análise minuciosa deste filme revelaria quando muito «leves vestígios de imperfeições», imperfeições que passam quasi despercebidas, na visão do conjunto. São seis episódios, primorosamente escritos, melhor dirigidos e interpretados de forma superior. Seis episódios que poderiam constituir a razão de ser, o «clou», a justificação, de outros tantos filmes. Hollywood, magnánima, preferiu não especular com eles. Foi generosa em dá-los num só espectáculo. Foi gentil em buscar, para cada um deles, os melhores actores. Foi hábil na forma como soube entretecê-los e ligá-los, sem prejuízo da dissemelhança profunda das suas formas, na disparidade de géneros que exploram.

Raras vezes os filmes de «rail stars cast» me entusiasмам. Lembra-me, não sei porquê, aquelas festas artísticas, realizadas com intenções beneficentes, às quais os actores que o público prefere emprestam os nomes, como atractivo de cartaz. «Seis Destinos», muito pelo contrário, não tem intenções especulativas. A parada das vedetas não funciona como o isco, dentro do espectáculo. Porque o interesse da história e os prodígios de encenação e direcção sobrelevam, nalguns aspectos, o valor da presença das vedetas em jôgo.

Nitidamente superior a «Carnet de Baile», «Se eu tivesse um milhão», «As Pérolas da Corôa» e a outros filmes no mesmo género, «Seis Destinos» ficará como uma obra a documentar a grandeza duma Arte e a perfeição duma técnica, que, pelo menos, na aparência, atingiu o apogeu!

O público, não resta dúvida, encontra-se num estado de espírito, que tem qualquer coisa de estranho e de paradoxal. A força de ver bons filmes, com os olhos cheios dos espectáculos mais atraentes e sedutores que a tela lhe tem dado, parece não dar-se conta dos progressos que se verificam e do valor de certos filmes — que já não sabe medir com perfeita exactidão. A sua atitude é mais estranha ainda se dissermos que tem sido a própria grandeza do Cinema, a causa daquela quebra de sensibilidade espiritual. Por muito grande que seja um filme, por muito belo que se lhe apresente um espectáculo, recebe-o já sem alvoroço, sem exaltação emocional. Não quer isto dizer que o Cinema haja atin-

gido a saturação, e que o espectador de hoje o aprecie menos do que ontem. Pelo contrário, as salas registam cada vez mais afluência, e o Cinema tornou-se numa necessidade espiritual, num hábito, quasi num vício.

Hollywood sente que a tarefa de interessar a multidão é cada vez mais difícil. Há que chicotear, por vezes, a sua emotividade, calejada e endurecida, com «tiros», inspirados em fórmulas comerciais de efeito seguro. A prodigalidade de vedetas é um dos processos infalíveis para atingir semelhante resultado. Felicitemo-nos por, no caso de «Seis Destinos», os outros elementos do espectáculo haverem merecido um carinho muito de notar — e muito de louvar.

Mas não estará nesta aparente insensibilidade, nesta sensação de «normalidade do excepcional» — que tem feito o prestígio do próprio Cinema — uma das suas mais perigosas ameaças?

São magníficas as seis histórias que se condensam em cada um destas «lendas de Manhatam». Riskin exagerou, por certo, quando me disse que, em Hollywood, há, quando muito, meia dúzia de boas ideias

por ano... Aqui as temos nós, num só filme, a desafiar todos os elogios e a admiração incondicional de quantos sabem avaliar o que é escrever para o Cinema, numa terra que produz, anualmente, seiscentas películas por ano.

Uma casaca — que devia figurar da distribuição, tal a extensão do papel que lhe cabe — liga os diferentes episódios e está «presente» no momento culminante de cada um deles. Em boa verdade, ela nem sempre decide os destinos das personagens. Mas tem, no instante supremo das suas vidas, um papel de relêvo, quanto mais não seja a de testemunha, muda e queda, dessas horas ansiosas e febris.

Briha primeiro, à luz da ribalta, no corpo dum actor favorito; assiste, depois, a um drama de amor e ciúme, que termina de forma trágica; atira, para os braços um do outro, dois conhecidos que se «desconheciam»; faz sossobrar, por instantes, a carreira dum músico à beira de decidir o seu triunfo; leva um homem na miséria a rever o seu passado; serve de capa a um roubo; cai, cheia de dinheiro, nas mãos de um grupo de negros pobres — e termina como espantinho, tal qual como os homens, que rolam de degráu em degráu para a extrema decadência da miséria social.

Por mim, prefiro, pela sua concepção; pelo valor das histórias, tão intensamente «trabalhadas», tão belas e tão originais; pela interpretação das personagens — os três primeiros episódios.

Thomas Mitchell, Rita Hayworth e Charles Boyer representam, mais uma vez, a eterna comédia, mesmo quando tocada pela asa negra do drama, que põe em jôgo o marido, a mulher e o amante. De notar, o primor dos cenários, aquêlê admirá-

vel pavilhão de caça e o desempenho de Thomas Mitchell tão espantosamente natural e o de Boyer tão intencionalmente «representado».

Ginger Rogers e Henry Fonda mimam a deliciosa cena de comédia, de forma inultrapassável. É a arte de representar levada aos limites do sublime. E que curioso, no seu conteúdo, esta história onde uma mulher passa a interessar-se por um homem, só porque uma carta, que não se refere a ele, o descreve como «um leão», no amor...

O terceiro episódio é o mais convencional — mas incontestavelmente o mais engenhoso. O drama daquele músico, talentoso e ignorado, que a certa altura, atingido pelo ridículo da casaca que rebenta nas costuras, vê eclipsar-se, perante uma plateia impiedosa, a projecção da sua Arte sobre esse mesmo público — tem um significado que transcende para os domínios do simbolismo. E Charles Laughton, com a truculência do seu desempenho, sobretudo a partir do momento em que empunha a batuta, é o grande intérprete de sempre.

E não quero deixar passar este episódio sem me dirigir aos paladinos da lógica no cinema, que abundam entre os espectadores portugueses, para lhe fazer notar o convencionalismo de todas as situações que se passam dentro do Teatro, onde Laughton dirige a sua sinfonia. A cena da casaca arrojada ao chão; o gesto de Bellini, que a despe também, para salvar as aparências; os espectadores que delas se libertam, — tudo isso é tão pouco lógico, como a intervenção inoportuna do espectador retardatário, que entra a meio da execução da sinfonia, incomodando os espectadores da fila respectiva. Tôda gente sabe que no mundo inteiro, é vedada a entrada na sala, durante a execução das peças dum concerto.

Não traria aqui a anotação, se não tivesse ouvido alguém censurar, como uma «gaffe» tremenda, aquela cena em que o «Costa do Castelo» entra no automóvel do André — que deveria ter ficado na rua com as portas fechadas e sem as chaves no «tablier»...



Ginger Rogers e Henry Fonda — os dois artistas que brilham na grande parada de es-



Retrato a óleo de João de Barros pintado por Columbano

João de Barros

O POETA DO OPTIMISMO

QUE «não tem nada que se lhe compare na actual poesia portuguesa» — escreveu Costa Ouranis, referindo-se a João de Barros...

Esse poeta grego moderno, que foi cônsul em Portugal e que, por consequência, conheceu de uma forma directa e objectiva o autor de «Anteu» — estava com a razão, dentro de um sentido de observação interpretativa, a que não andam alheios motivos do inconformismo técnico em que ele próprio milita.

João de Barros é, dentro do raciocínio retrospectivo e da emoção actual, uma figura diferente de todas as outras na paisagem da nossa literatura: é o mais jovem dos poetas que vieram depois do saudosismo de António Nobre e do pessimismo que Baudelaire tinha vertido para a nossa língua pela pena de Cesário Verde e José Duro...

Enquanto Junqueiro se quedava na contemplação das vidas obscuras e Teixeira de Pascoais se perdia nas brumas da unificação do ser e da matéria — João de Barros reatava uma das duas correntes que haviam convergido no lirismo de Camões e que parecia ter-se perdido no egocentrismo de função poética: o amor à vida, o canto mogo a tudo que era luz, movimento e cor, mesmo quando essa cor era a do luto e a da paixão.

Com João de Barros — cujo lirismo ficava fora da influência das tendências líricas de João de Deus — a vida pela poesia adquiria uma expressão diferente: amarguras, luto e dor vencidos pelo estoicismo de um sorriso...

Por que João de Barros não admite o sofrimento como expressão de beleza? Por que o sofrimento exclui razões de poesia humana?

Com João de Barros estarão quantos entenderem que a vida, nas suas expressões múltiplas, pode ser coada por uma certa rede de optimismo sadio, razão fundamental de uma felicidade humana que é como quem diz: relativa.

— A chamada poesia pura — diz-nos João de Barros — não exclue a existência de outra poesia, de ou-

tro lirismo amplamente humano, cujos temas correspondam à inquietação, à dor e à esperança do mundo do nosso tempo.

Estamos num gabinete confortável, rodeado de recordações: bronzes e óleos que pertenceram a Teixeira Gomes, quadros assinados por Columbano e António Carneiro, outros óleos e caricaturas de artistas brasileiros — uma tósca faca, em madeira, feita pelo netinho do poeta, oferta de dia de anos...

João de Barros, com uma idade espiritual que se esqueceu de registar, porventura o mais mogo dos poetas modernos, fala de coisas deste pequeno mundo literário, em que ele próprio é função poética de primeiro plano. *Poesia pura* ou *poesia não pura* — aí está o seu comentário à nossa interferência:

— A chamada poesia pura, designação que, tanta vez, é aplicada sem discernimento, não exclue a existência de outra poesia, de outro lirismo amplamente humano, cujos temas correspondam à inquietação, à dor e à esperança do mundo do nosso tempo. Aliás, a distinção entre *poesia pura* e *poesia não pura*, deixe-me que lhe diga: parece-me artificial. Comodidade de exposição, porque a verdade aqui a tem: o que há, é poetas e versificadores. Os autênticos poetas de tudo extraem autêntica e perdurável poesia...

Queremos razões e vem a explicação:

— Só nas épocas de escassês ou debilidade emocional e mental a poesia desaparece ou emudece...

E a alma do poeta desabrocha:

— Essa poesia que, ao íntimo sentir do poeta acrescenta a vibração do imenso, embora efêmero sentir da humanidade, em dado momento da sua evolução; poesia que transcende os de qualquer modo, egoístas excessos de subjectivismos do poeta — poesia de humano anseio: tudo isso, o que não é hoje poesia pura...

Mas é João de Barros quem exuberantemente fala — com aquela viva exuberância, paradoxo emotivo do seu lirismo e que é a expressão mais nítida e pessoal do carácter dos seus versos:

— As obras através das quais ela se realiza morrem com o transitório instante que as inspirou? Per-

manecerão pelos séculos, aquêles temas em que o génio criador se alimenta só da própria vida interior? De facto, é o que em geral acontece. Mas, bem vê: um Dante, um Camões, um Milton, um Goethe, mesmo sem esquecermos deste o conceito sobre «poesia e circunstância», um Victor Hugo e um Junqueiro, um Verhaeren, um Whitmann, e mesmo um Shelley, que é um poeta puro e impuro — todos esses são casos muito raros...

— Razões de desânimo para tentativas mediocres...

— De modo nenhum, O desejo e a vontade de criar beleza como elementos que, de início, não se nos afiguram motivos de beleza...

— João de Barros pede um parentesis:

— E isto, porque mergulham demais no ambiente moral e material do trágico, do alegre, ou do vulgar cotidiano... Esse desejo e essa vontade de criar beleza são generosos e nobres. E, no mais alto significado do termo, eminentemente poéticos. E assim: emprestam asas e emprestam alma a tudo que nem asas nem alma se imaginaria destinado a possuir...

— Transubstanciação de elementos...

— Principalmente: a arte acolhendo — e respondendo pelo afago reconfortante da poesia — o angustiado apelo de quantos, solitários ou em «solitário andar por entre a gente», sofrem e pensam, trabalham e lutam, sófregos de uma presença amiga, de um refúgio amorável ou de um estímulo que os exalte para novas lutas e novos trabalhos...

Preguntámos a João de Barros, êle que primeiro rompeu com preconceitos de métrica: académica, o que pensa da poesia que veio depois dele na mesma revolução de técnica:

— Sou pela poesia, independentemente da forma. Ou antes: entendo que cada poema traz consigo a sua forma. Não é verdade que as flores, por trazerem formas, cores e perfumes diferentes não deixam de ser flores? Já vê...

* * *

Num país e numa época em que a saúde, a desesperança, o culto do reles e da inércia contemplativa mascaram tantos novos de uma experiência de vida inexistente e

de uma inspiração que não é sincera, na maioria dos casos — João de Barros ainda hoje surge como uma «boa nova», uma alegria espiritual e um dinamismo verbal de fazer inveja: uma alegria dionisíaca, sensual, fresca e cintilante como um marulhar de cascata entre as fragas de um prado parnasiano...

Ele é a «luz em movimento», como diria Bilac, ou a «virtude da ave», como diria Malheiro Dias: aqui, no Brasil, na Bélgica, na França, na Alemanha, na Itália ou na Inglaterra — por toda a parte onde o seu corpo, o seu espírito e os seus versos passearam em tráfego — êle é sempre uma extraordinária mensagem emotiva, uma excepcional afirmação de vida, de alegria e de beleza espiritual. Quando conversa, quando escreve ou quando fala para o público...

Quando fala para o público: João de Barros é, de facto, um conferencista diferente de quasi todos os que hoje se sentam a uma mesa com os olhos pregados no papel. Por isso lhe preguntamos se não voltará à sua actividade verbal:

— Para breve. Hei-de fazer uma conferência quando aparecer a reedição da obra do meu sogro, o romancista Teixeira de Queiroz. É um escritor cheio das características que mais aprecio na vida: alegria sã — e que a gente que hoje lê parece ter esquecido...

— E trabalhos seus?

— Para já, como sabe, uma nova edição da «Vida Vitoriosa», que traz uma boa soma de inéditos. Depois a pouco, em edição Sá da Costa, verá «Presenças eternas», que são conferências, estudos, ensaios, muita coisa novinha em folha...

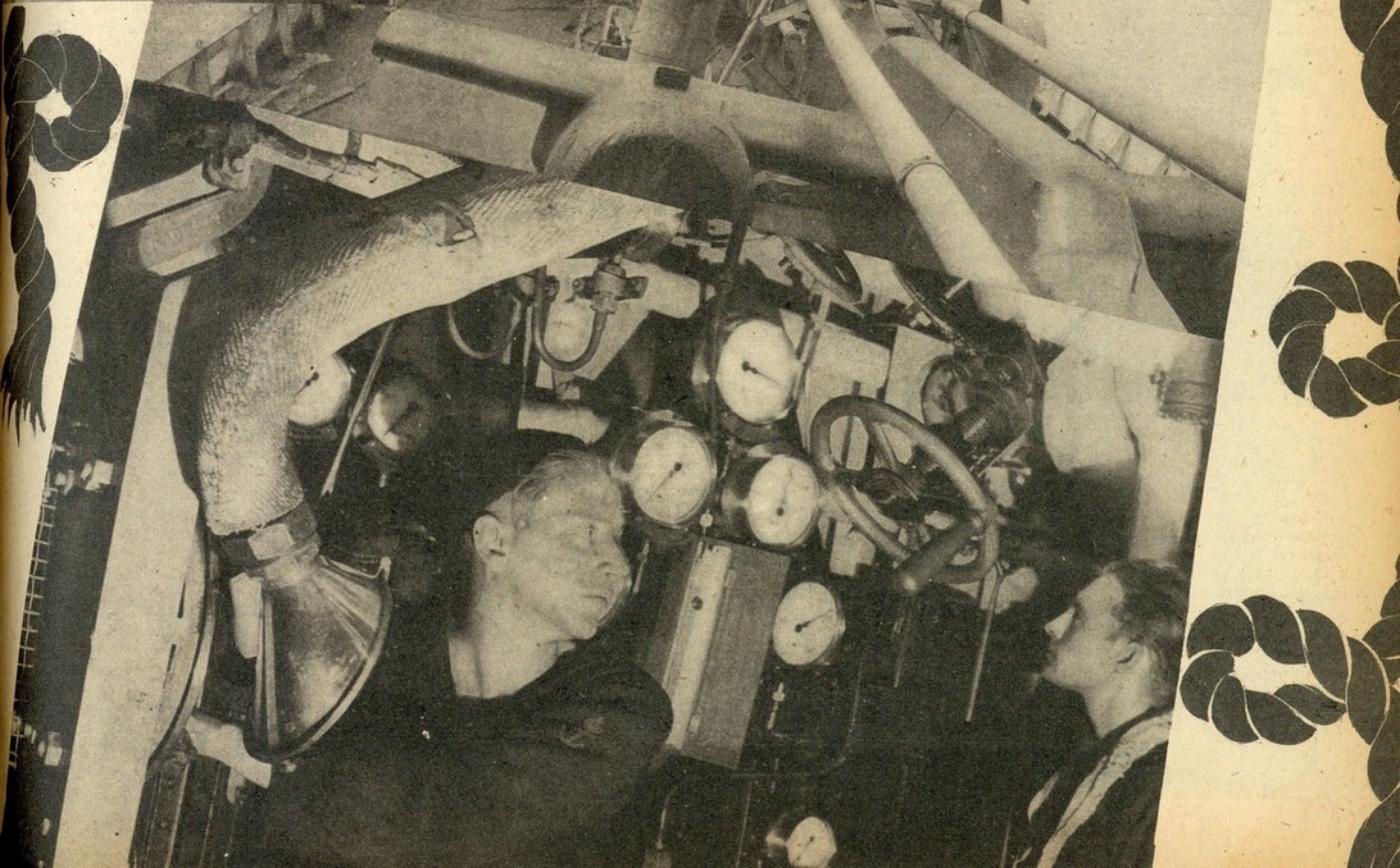
João de Barros, um ateniense de atitudes morais e espirituais, porventura dos modernos o nosso mais traduzido poeta, enquanto ajeita o monóculo, tão irrequieto como êle próprio, termina assim a nossa conversa, que é um apólogo: A fonte... a poesia... o mar...

— Não sei porque, ao ouvir o fluir limpo de uma fonte muito minha conhecida, aqui não muito longe de Lisboa, numa pequena e quasi ignorada praia, lembra-me sempre a missão da poesia, a dominante presença da poesia na vida, como o sussurrar daquele fiozinho de água que só distinguimos quando chegamos mesmo ao perto, a sobrepor-se ao marulhar das ondas...

OS MARINHEIROS

NORUEGUESES

Combatem
em todos os
mares





A MULHER PORTUGUESA

PREPARA-SE PARA O DIA DE AMANHÃ



É uma grata afirmação de raça e de cultura, uma demonstração de que as raparigas portuguesas, que não deixaram de se preparar para ser amanhã boas esposas e boas mães, compreendam per-

feitamente que a educação física é um factor de bem-estar social, de saúde do corpo e da alma. Não basta hoje ser «prendada». É indispensável que para uma alma sã o corpo seja também sã. Para isso, as raparigas portuguesas fazem ginástica após as horas de trabalho nas oficinas, nas casas de comércio e escritórios, nos laboratórios e nos bancos das escolas. De calção, saia curta, cabelos

soltos ao vento, elas preparam-se para uma vida nova e sã que, por sua vez, prolongamento de suas vidas e base de uma organização social forte e decidida... Neste sentido, o Lisboa Gimnásio C.A., um organismo cheio de energias e belos serviços prestados à formação da juventude de várias gerações — ainda hoje está a prestar inestimável contribuição para a saúde da mocidade actual.

As fotos que publicamos são um índice de indiscutível verdade. Foram tiradas no campo do Jockey Clube, quando ali se reuniram algumas dezenas de raparigas, diante da máquina de filmar. Dentro de meses, elas vão aparecer-nos sobre as telas de Lisboa, num filme que Maurício Cohen está a orientar com o espírito artístico e o saber que já ninguém lhe quer negar. (Fotos Jorge Garcia)





★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★
EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
 EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

| HORAS | ESTAÇÕES | ONDAS CURTAS | |
|-------|----------|--------------|--------------|
| 6.15 | WEBX | 31.1 m. | 9.650 kc/s. |
| 8.45 | WRUW | 49.6 m. | 6.040 kc/s. |
| 10.45 | WBOS | 48.8 m. | 6.140 kc/s. |
| 12.45 | WBOS | 25.3 m. | 11.870 kc/s. |
| 16.45 | WBOS | 19.7 m. | 15.210 kc/s. |
| 16.45 | WGEA | 25.3 m. | 11.847 kc/s. |
| 18.45 | WGEA | 25.3 m. | 11.847 kc/s. |
| 20.45 | WGEO | 31.5 m. | 9.530 kc/s. |
| 21.45 | WGEO | *31.5 m. | 9.530 kc/s. |
| 24.15 | WDJ | 39.7 m. | 7.565 kc/s. |

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

DISCOFONES



para reprodução
 de discos em
 aparelhos
 de rádio

Completos, com motor
 electrico e pick-up
 desde Esc. 880\$00

Pick-ups simples, a partir
 de Esc. 200\$00

EST. VALENTIM DE CARVALHO
 R. NOVA DO ALMADA, 97



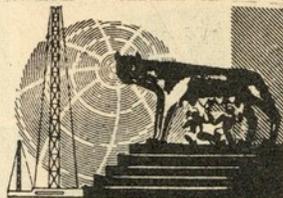
CREMES
 PARA DE DIA
 E PARA DE NOITE

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
 Avenida da Liberdade, 35
 Telef. 2 1866 - LISBOA
 Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
 Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

ESCUTAI

ROMA



NOVO HORÁRIO
 NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
 TODOS OS DIAS

| Portugal | Programa | Postos | Metros | Kc/s |
|----------|----------------------|---------------|--------------|-------|
| 8.50 | Noticiário | 2 RO 21 | 19.92 | 15060 |
| | | 2 RO 4 | 25.40 | 11810 |
| 13.20 | Comunicado de guerra | 2 RO 17 | 15.31 | 19590 |
| | | 2 RO 8 | 16.84 | 17820 |
| 16.10 | Noticiário | 2 RO 6 | 19.61 | 15300 |
| | | 2 RO 11 | 41.55 | 7220 |
| | | 2 RO 26 | 48.23 | 6220 |
| 18.00 | Noticiário | 2 RO 17 | 15.31 | 19590 |
| | | 2 RO 66 | 19.61 | 15300 |
| 22.50 | Noticiário | 2 RO 22 | 25.10 | 11950 |
| | | 2 RO 18 | 30.74 | 9760 |
| | | 2 RO 3 | 31.15 | 9630 |
| | | | 221.10 ondas | |
| | | 263.20 médias | | |
| 1.00 | Noticiário | 2 RO 22 | 25.10 | 11950 |
| | | 2 RO 19 | 29.04 | 10330 |
| | | 2 RO 18 | 30.74 | 9760 |

CONVERSACÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

| | | |
|-------|-------------------|-------|
| 22.10 | aos domingos | 39.80 |
| 22.20 | às quartas-feiras | 31.41 |

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA *estomatites*

TRATA *as doenças da boca*

O GENERAL FRANCÈS CATROUX

Um dos chefes da França combatente e Alto Comissário na Síria. Ao seu alto prestígio e à sua grande amizade por Giraud, seu velho companheiro de armas, se ficará devendo em grande parte o próximo e definitivo entendimento entre os dois sectores de franceses que prosseguem na luta contra a Alemanha e a Itália.

(Caricatura de Santana).



Como é vista A SITUAÇÃO DA IGREJA CATOLICA NA ALEMANHA

A situação da Igreja Católica na Alemanha é um tema que os debates políticos internacionais se encarregam de manter sempre vivo. Eis porque não será descabido um relance de olhos sobre a vida religiosa alemã. Partamos de uma data recente. Depois de o Romantismo, no seu combate às idéias nacionalistas, terem firmado bem nitidamente, no espírito dos homens, a crença na revelação divina e dado à Teologia alemã o primeiro lugar, no terreno científico, em todo o mundo, o Catolicismo alemão organizou e prestou serviços inesquecíveis, que fizeram gloriosos muitos nomes.

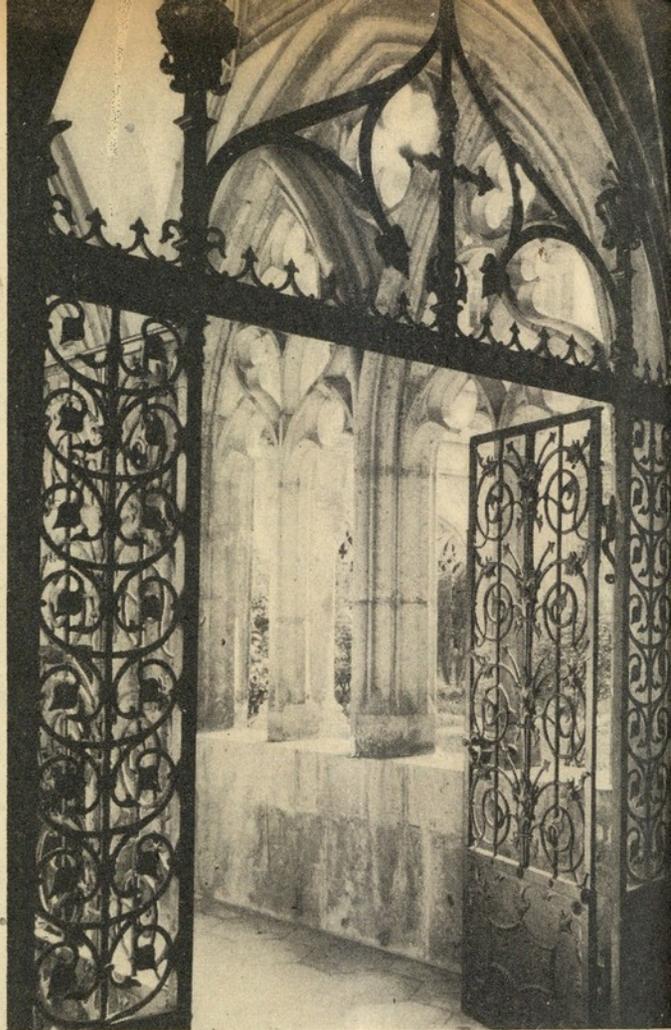
Porém, na segunda metade do século XIX, tornou-se excessivamente político. Com efeito, a direcção política dos católicos passou para o Partido do Centro, fundado por grandes figuras obedientes a Roma, como Winderherst, Reichensperger e Malinkrodt. Sucedeu o que era fatal. O mencionado Partido converteu a Igreja em objecto de Política e colocou as questões eclesiásticas no campo das lutas partidárias. São do padre católico Krawczyk, reitor do liceu de Kattowitz, as seguintes palavras: «Muitos sacerdotes passaram a ocupar-se mais de política do que da cura das almas, e assistimos depois da Grande Guerra, ao confrangimento espectacular de uma coligação parlamentar entre o Centro e o Partido Socialista».

Surgiu o Nacional-Socialismo, que encontrou naquela coligação o inimigo mais tenaz e poderoso. Em 1933, Hitler subiu ao Poder. Foi a derrota do Catolicismo político, mas a Igreja, — embora colocada em frente de uma nova concepção, não só do Estado, mas da Vida, o que devia, necessariamente, produzir colisões — voltava a recuperar a sua liberdade de acção, no campo espiritual. A perda de posições de mando por muitos católicos

e o descontentamento que isso provocou não podem incluir-se no quadro do problema religioso.

Em Março de 1933, isto é, dois meses depois de lhe ter sido confiada a Chancelaria do Reich, Hitler disse, num discurso, que o Governo Nacional-Socialista via nas confissões cristãs os factores principais da conservação da Nação. Deram-se, depois, atritos com as autoridades eclesiásticas? Deram, mas uma coisa é justo acentuar: a situação da Igreja, na Alemanha, é melhor do que em numerosos países católicos. Os templos estão sempre abertos; rezam-se missas todos os dias; o povo aflue livremente aos templos e, sobretudo aos domingos, entoa cânticos religiosos, muitos dos quais fazem parte do «folclore» alemão; milhares de pessoas comungam todos os dias; edificam-se igrejas, e os casamentos são santificados pelos sacerdotes. Em 1938, o Santíssimo Sacramento foi ministrado 312 milhões de vezes, o que quer dizer que cada católico alemão ajoelhou dóze vezes à mesa eucarística.

Há congregações, há irmandades, há Ordens Terceiras. Nas escolas, é obrigatório o ensino religioso, reservando-se a educação política unicamente à Juventude Hitleriana — e está aqui a causa principal das divergências entre as autoridades da Igreja e do Estado. A formação de sacerdotes é feita nas faculdades de Teologia existentes em oito Universidades do Estado, por ela sustentada, sem falar em mais seis escolas superiores de Teologia, igualmente mantidas pelo Poder Público; nos seminários diocesanos e nas numerosas escolas das ordens religiosas.



A artística entrada do coro da catedral de Eichstätt.

A literatura católica é vastíssima. São igualmente numerosos os jornais e revistas, que interpretam a cultura católica alemã. Algumas publicações têm fama universal, como as «Stimmen der Zeit», em que sábios jesuitas tratam de todos os problemas contemporâneos.

Criaram-se várias instituições destinadas ao apostolado entre as massas operárias. O Exército é servido por um corpo de capelães, alguns dos quais têm sido condecorados com a Cruz de Ferro, pelo heroísmo com que expõem a vida, na prestação de socorros espirituais. Estão neste número dois capelães, que acompanharam as tropas paraquedistas, na difícil empresa da conquista da Ilha de Creta.

A Alemanha é dividida em 45 bispados católicos e em 17.200 paróquias, com 35.000 padres seculares, os quais exercem o seu ministério em cooperação com o clero regular, composto de 22.000 membros, que ocupam 970 conventos. Há ainda, 8.990 congregações femininas. E não deve esquecer-se que só metade da Alemanha é católica.

Os meios de que a Igreja necessita provêm, sobretudo, dos seus bens, constituídos por propriedades rústicas, que totalizam 300.000 hectares. Mas as receitas assim obtidas seriam insuficientes para a sustentação do culto, se o Estado não intervesse com o seu auxílio. A Igreja recebe o «Imposto Eclesiástico», constituído por uma percentagem da contribuição sobre o rendimento dos católicos, e são as repartições de Finanças do Estado que o cobram. Assim, a Igreja recebe anualmente, por intermédio do Poder Público, 120 milhões de Marcos, o que representa um milhão e duzentos mil contos. O Estado entrega, ainda, a título de auxílio aos párocos e cabidos 56 milhões de Marcos. Por outro lado, paga aos professores de Teologia e das Escolas Públicas de carácter religioso.

O total do auxílio financeiro do Estado Nacional-Socialista à Igreja católica eleva-se a quasi 250 milhões de Marcos, ou sejam cerca de dois milhões e quinhentos mil contos. A Alemanha trata de igual maneira a igreja evangélica.

B. PEREIRA FÉLIX

Um dos monumentais templos de Berlim.



CALCADA DA GLÓRIA

À MANEIRA DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

E porque estamos no dia um de Abril, dia consagrado à mentira, falemos de mentiras. Desde já vos digo que não só por consciência, mas por conveniência, se deve aborrecer a mentira e exaltar a verdade. Por conveniência, porque viveis numa terra muito pequena. Em toda a parte as mentiras são pouco proveitosas, mas nas terras pequenas mais se concentra o seu veneno. Em Lisboa dizem-se muitas mentiras, e de Lisboa se reparam pelo país todo. E se não, fazei-me por curiosidade duas contas, as quais eu agora não tenho cabeça para fazer. Uma é quantas mentiras se dirão cada dia neste jardim da Europa? A outra quantos habitantes nele viverão? E logo reparti as mentiras, e vereis quantas mentiras diz cada um. Não fora melhor serdes todos muito amigos, muito conformes, amardes-vos todos, honrardes-vos todos, autorizardes-vos todos, antes que vos andeis informando, levantando calúnias e afrontando uns aos outros com mentiras? Que dão a um homem ou a uma mulher por mentir? Ora, neste um de Abril da graça de 1943 façamos uma muito firme e verdadeira resolução de não existir paixão nenhuma, nem interesse, nem dádiva, que vos faça torcer, nem faltar à verdade, e se tal acontecer abri a boca, deitai a língua de fora, e depositai nela, em castigo, uma pedra de sal e um grão de pimenta, e se a língua assim temperada ainda tornar a mentir, haveis de repetir a receita, para castigo de quem não tem emenda, nem salgado, nem apimentado.

AS BARBAS

JÚLIO Pires, conhecido «habitué» da Brasileira, deixou crescer as barbas. Encontrámo-lo assim:

— Então que é isso, Júlio Pires? Logo ele:

— É para não me falarem da guerra...

— Mas que tem uma coisa com outra?

— Não vê que as pessoas conhecidas em me vendo, de barbas, não me falam da guerra: só me falam das barbas!

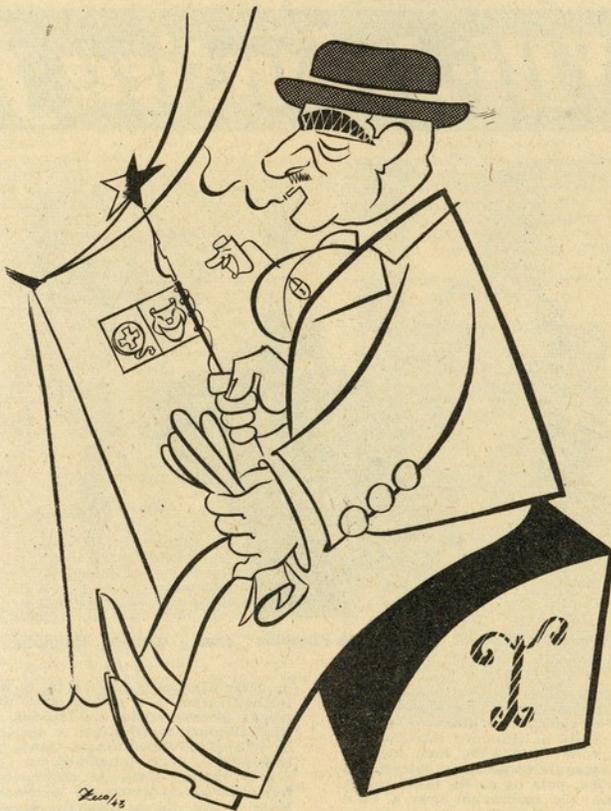
SEGRÊDO DE AMOR

A sr.^a D. Maria de Figueiredo publicou agora um livro que deve interessar os leitores. Chama-se *Segredo de Amor*. Numa linguagem clara e comunicativa, a sua autora pretende provar-nos, e prova-nos, que para ela o Amor não tem segredos, e que não há mulher nenhuma capaz de guardar segredos — nem mesmo os do Amor...

LIVROS DE MEMÓRIAS

LUIS Galhardo, Filho e Alvaro de Andrade estão a escrever respetivamente — per-

DE BEM COM DEUS E COM O DIABO!



Em 1909, estreiou-se no Ginásio uma comédia chamada «O ôlho da Providência». Firmavam essa comédia Xavier da Silva e João Bastos. O primeiro, com a sua carta de doutor em medicina debaixo do braço, nunca fez do teatro senão um alegre passatempo; o segundo, porém, sentindo correr-lhe nas veias o sangue de comediógrafo profissional, fez logo do teatro, não apenas a sua paixão, mas a sua profissão. E temos de reconhecer que o ôlho da Providência nunca mais deixou de lhe sorrir. Só, ou em colaboração — a sua colaboração com Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes enche uma época de sorrisos — João Bastos escreveu, em 34 anos, cento e tantas peças. Poucos jovens autores se podem gabar de semelhante coisa. Propositadamente englobei o autor do «Costa do Castelo» nos autores jovens porque, na verdade, êste excelente rapaz de cinquenta e tantos anos guarda o raro privilégio de não envelhecer. O seu espírito mantém-se em plena frescura; sobe a rua, ingreme, onde mora, com a leveza dum fauno; todo êle respira primavera; é hoje, segundo creio, o único comediógrafo que usa, no verão chapéu de palha; e se é certo que lhe alvejam os cabelos, aquela prateada brancura não é mais do que um produto platinado da última moda. A sua obra reflecte-o. É o espelho da sua graça, da sua juventude — e do seu bigodinho de adolescente. Trabalha sempre, de manhã, de tarde, à noite, na sincera convicção de que o melhor repouso é ainda aquele que dá o trabalho. E agora que na «Variedades» se representa uma adaptação sua e no «São Luiz» corre uma fita de sua inspiração, saudemos, não apenas o trabalho infatigável, mas o diplomata ilustre que conseguiu entender-se com Deus e com o Diabo — que é, como quem diz, com o Teatro e com o Cinema...

dão... — respectivamente as suas memórias. É caso para se dizer: — Côrai, vilanagem!

RECEITAS

A uma mesa do Martinho, Fialho de Almeida queixava-se a Marcelino de Mesquita de fortes dores nas costas.

— Homem! — diz-lhe Marcelino, que então ainda exercia clinica. — Eu tenho um remédio óptimo para isso... O que não tenho é papel para a receita...

O criado trouxe, à falta de melhor, uma factura.

Fialho ao ver Marcelino escrevendo nas costas da factura não se conteve que não dissesse:

— Tu és um homem extraordinário. Até fazes receitas onde outros fazem despesas...

NO TRIBUNAL

JULGAVA-SE, há pouco, um taberneiro acusado de deitar água no vinho. O advogado de defesa apresentou um documento pelo qual pretendia mostrar a pureza do «nectar». Logo a acusação num sorriso:

— Requeiro ao Tribunal que mande juntar ao processo a certidão de «baptismo».

CAUTELAS

ENCONTRAMOS, há dias, o actor Manuel Correia de pistola em punho.

— Homem, que é isso?

— Temo um assalto...

E metendo a mão no bolso mostrou-me um páu de sabão.

LATIM

— MINHA mulher é instruídissima — diz-se na última peça de Sacha Guitry *N'écoutez pas, Mesdames!* — É antiquária, poetisa, e até fala latim na intimidade.

— Latim? E na intimidade? — pergunta uma das figuras presentes.

— Mas que diz ela em latim?

— Bis.

PERCALÇO

A CABA de ser enviado ao Tribunal um indivíduo arguido de ter praticado um desfalque na *Sociedade de Explosivos*.

Não há dúvida: rebentou-lhe a bomba em casa!

ROMANCES

HOUVE, uma tarde destas, uma desordem no Rossio, entre os escritores Augusto da Costa, Joaquim Paço de Arcos, João Gaspar Simões, César de Frias e Guedes de Amorim a propósito do «que era um romance». A discussão azedou-se — e engalfinharam-se. Acudiu a policia — que esclareceu o assunto.

O RELÓGIO

— POR QUE acabou no Trindade o Homem das cinco horas?

— Porque o relógio parou.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

5

O ATAQUE ÀS ÍNDIAS HOLANDESAS

A posição das forças norte americanas nas Filipinas seria, em qualquer caso, bastante precária dada a sua inferioridade numérica. Essa situação tornou-se irremediável como consequência do desastre de Pearl Harbour. As forças militares encarregadas da defesa do arquipélago eram constituídas por um exército regular de norte-americanos e por tropas indígenas. Uma e outras encontravam-se sob o comando supremo do general Douglas MacArthur. Tanto nos Estados Unidos como no estrangeiro este nome era suficientemente conhecido à data da entrada do seu país em guerra para se reconhecer que não podiam estar entregues em melhores mãos a defesa e a segurança das posições norte-americanas do Pacífico. Como já tivemos ocasião de acentuar, isso não bastava, porém, dado o estado de impreparação geral, para dar remédio a todos os inconvenientes provocados por uma política de sistemática imprevidência.

O general Douglas MacArthur era um dos oficiais de Estado Maior mais competentes, porventura mesmo o mais competente, nas fileiras do exército norte-americano. Desempenhara, até 1935, as funções de chefe do Estado-Maior e abandonáras para ir organizar a defesa do arquipélago filipino. No desempenho desta tarefa encontrara o apoio decidido do presidente Manuel Quezon que reconheceu, desde o primeiro momento, a necessidade de proceder a largas reformas militares exigidas pelo agravamento crescente da situação no Extremo Oriente e no Pacífico. O general MacArthur procedeu a uma larga reorganização das forças indígenas e fundou uma escola para preparação de oficiais nos moldes da histórica Academia Militar de West Point. Nessa escola se adestraram algumas centenas de filipinos cuja acção veio a revelar-se particularmente eficaz no decurso das operações. Na data prevista para a emancipação completa do arquipélago filipino, 1945, devia estar preparado um esplêndido exército, em condições de assegurar eficazmente a defesa local. Nas vésperas da declaração de guerra, o Congresso norte-americano reduziu, porém, a dotação para as despesas militares a realizar nas Filipinas e a tarefa do general MacArthur foi, temporariamente, interrompida. Os alicerces da obra que projectara eram, nessa altura, suficientemente sólidos para permitir que fosse imediatamente aproveitada uma parte do trabalho feito.

A SITUAÇÃO MILITAR NAS FILIPINAS

Calcula-se que o total dos efectivos que guarneciam o arquipélago à data da eclosão das hostilidades fôsse de cento e vinte mil homens, dos quais vinte mil americanos e cem mil fili-



O Presidente Manuel Quezon, das Filipinas com o general MacArthur.

pinos. Segundo as previsões do general MacArthur, este número devia estar elevado, na Primavera de 1942, para mais de duzentos mil homens. Essa fôra, certamente, uma das razões que precipitaram a intervenção nipônica, pois os chefes militares de Tóquio não ignoravam nem a competência profissional nem as excepcionais qualidades de organizador que caracterizavam a personalidade de MacArthur.

A maior parte, diremos mesmo a quasi totalidade destas forças encontrava-se na ilha de Luzon. A posição desta era prejudicada por dois graves inconvenientes. Em primeiro lugar, a configuração geográfica da ilha. Tratando-se da mais vasta, da mais rica e da mais populosa das ilhas do arquipélago filipino, a ilha de Luzon era também a que oferecia menos condições naturais para uma defesa eficaz. Alguns dos seus pontos eram particularmente vulneráveis e propícios a uma invasão.

A segunda condição de inferioridade residia na insuficiência de equipamento e especialmente na falta de aviões. O governo de Washington, durante o Outono de 1941, enviara para as Filipinas alguns reforços de bombardeiros médios e pesados. Mas, mesmo com esses reforços, a força aérea que se encontrava nas Filipinas não podia ter a pretensão de se medir com a aviação japonesa cujo pessoal estava especialmente treinado para a realização de uma tática ofensiva de que já dera provas suficientes durante o ataque a Pearl Harbour. Quanto à esquadra, comandada pelo almirante Hart, abandonara as paragens das Filipinas seguindo para as Índias Holandesas de cujas bases era mais fácil atacar as comunicações dos japoneses. O valor combativo dessa esquadra encontrava-se sensivelmente reduzido depois dos acontecimentos do começo de Dezembro de 1941.

OS DESEMBARQUES NIPÔNICOS

A partir dos meados de Dezembro,

os desembarques nipônicos em Luzon intensificaram-se e a progressão das tropas desembarcadas no interior da ilha acentuou-se. Durante a semana de 16 a 23 de Dezembro as vantagens conseguidas pelos japoneses em Luzon e noutras ilhas do arquipélago tornaram-se especialmente sensíveis. Neste último dia, os atacantes ocuparam Davau, capital da ilha de Mindanao, e a cidade de Manila foi declarada cidade aberta, sem que a declaração respectiva tivesse modificado o incremento dos ataques da aviação japonesa que bombardeava, sem cessar, a capital filipina. O dia 27 de Dezembro ficará para sempre registado na vida de Manila como o mais doloroso desta guerra, pois foi no decurso dele que a respectiva população sofreu o mais rude ataque aéreo registado desde o início das hostilidades no Extremo Oriente e certamente um dos mais rudes de toda a intervenção japonesa. Com os bombardeamentos aéreos intensificados, coincidia o ritmo crescente dos desembarques que pareciam não ter fim. Em 2 de Janeiro, a capital das Filipinas capitulava, depois de uma resistência que se prolongara durante cerca de três semanas.

As causas da rendição de Manila podem resumir-se assim: isolamento a que ficou reduzida a ilha de Luzon, sem possibilidades de receber quaisquer reforços ou auxílios do exterior; inferioridade dos defensores quanto às forças aéreas e navais de que dispunham, em comparação com aquelas que os atacantes conseguiram empregar; inferioridade de efectivos terrestres, em comparação com os efectivos desembarcados pelos japoneses. Depois da perda de Manila, que praticamente significava a perda de Luzon, as restantes ilhas do arquipélago renderam-se rapidamente.

Em 27 de Janeiro os japoneses conseguiram entrar em Batangas. É o momento que consideram oportuno para lançar a MacArthur o primeiro ultimato para a rendição. O general americano não respondeu. Durante algumas semanas resistirá ainda com os recursos de que dispõe e que vão diminuindo à medida que os ataques nipônicos se intensificam. Nessa al-

tura, calcula-se que os japoneses tivessem já desembarcado em Luzon mais de duzentos mil homens sendo os desembarques apoiados por importantes forças aéreas e navais.

O VALOR DA RESISTÊNCIA NAS FILIPINAS

A resistência dos defensores passou a concentrar-se na ilha fortificada de Corregidor. Enquanto esta continuasse em poder dos americanos, os japoneses não poderiam utilizar a baía de Manila o que era indispensável à realização dos seus planos e à continuação da ofensiva que haviam projectado. A resistência em Batangas durou três meses, de 9 de Fevereiro a 9 de Abril, sob o comando do general Wainwright que foi o mais directo e valioso auxiliar do general MacArthur. Os ataques dos japoneses, conduzidos por forças incomparavelmente superiores em número e em armamento, puderam assim ser eficazmente contrariados pelas tropas americanas e filipinas durante vários meses que não foram desaproveitados pelos governos dos países interessados: Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. As operações só se liquidaram depois do comandante chefe das tropas japonesas em operações, general Homma ser substituído pelo general Yamashita que já havia dado provas das suas qualidades para conduzir ofensivas durante a guerra da China.

Entretanto o general MacArthur, cuja experiência e cuja competência eram indispensáveis para a continuação da luta, abandonou o território das Filipinas e seguiu, de avião, para a Austrália onde chegou no dia 17 de Março. Na sua companhia iam, além da esposa do general americano, os seus camaradas general Sutherland, que servira durante a campanha das Filipinas como Chefe de Estado Maior, e o general George que também se distinguira no decurso dessa campanha. Eram dois elementos valiosos para a reorganização das forças às quais ia ser cometida a tarefa pesada de assegurar a defesa do continente australiano. A operação retardadora que fundamentalmente estava cometida ao general MacArthur fôra cabalmente desempenhada. Essa operação permitia fazer perder aos japoneses o tem-



O famoso general japonês Yamashita

po que lhes era indispensável para completarem a sua ofensiva em direcção ao sul antes que a corrente dos abastecimentos, vindos dos Estados Unidos, pudesse contribuir para preparar e conduzir a defesa do continente australiano. Sem este era evidente que todos os resultados conseguidos pelo Japão deviam considerar-se precários.

AS ÍNDIAS ORIENTAIS HOLANDEAS

O arquipélago das Índias Orientais Holandesas é uma das mais ricas e prósperas regiões do globo. A sua superfície anda à volta de dois milhões de quilómetros quadrados com uma população de cerca de cinquenta milhões de habitantes na sua quasi totalidade indígenas. As ilhas principais do arquipélago são as de Sumatra, Java, Celebes, Borneu e Nova Guiné. Quanto a estas duas últimas, uma parte pertencem à Holanda e outra parte à Gran-Bretanha. A capital do arquipélago é a cidade de Batávia que fica a cinco mil e setecentos quilómetros de Tóquio, cinco mil e quinhentos da Austrália e catorze mil de S. Francisco da Califórnia.

A ilha de Java pode dizer-se que é o centro do poderio e da prosperidade do arquipélago malaio. Os holandeses fizeram dela uma das mais ricas e povoadas terras do globo. Graças à fecundidade do solo e às suas riquezas económicas, a população da ilha aumentou rapidamente em proporções inesperadas e, na altura em que se desencadearam as hostilidades, era superior a quarenta milhões de habitantes. Dois terços da população do arquipélago eram alimentados com os seus produtos. De entre esses produtos os principais são o arroz, o açúcar, o café, o quinine, o tabaco, o chá, a borracha, o petróleo, além da pecuária e da pesca. A simples enumeração destes produtos basta para dar uma ideia da variedade da produção e da extraordinária fecundidade da ilha.

Os principais produtos que valoriz-

nem nas Índias Holandesas, nem na Europa, nem nos Estados Unidos havia dívidas de que esses ensaios se transformariam em operações de grande envergadura, visando a conquista e a ocupação do arquipélago logo que para isso surgisse a devida oportunidade.

Quando se estabeleceram sólidamente em Davau e em outros pontos do sul das Filipinas, se penetraram profundamente ao longo da península malaia, os seus aviões, partindo de porta-aviões ou das bases que recentemente tinham conquistado, começaram a fazer incursões mais ousadas e sistemáticas que visavam as defesas extremas do arquipélago, mais importantes nas ilhas de Java e de Sumatra. Nenhuma destas ilhas, como aconteceu nas Filipinas, se encontrava suficientemente guardada e equipada para poder fazer face, com êxito, a uma ofensiva poderosa desencadeada por um exercito dotado com as armas mais modernas, como era o exercito japonês, cujos elementos além disso apareciam por toda a parte animados de um espirito de decisão e de um desejo firme de vencer a que os seus adversários eram os primeiros a prestar justiça.

Os holandeses não possuíam, e não lhes fora possível arranjar, embora não tivessem dívidas de que mais cedo ou mais tarde as suas possessões acabariam por ser objecto de um ataque nipónico, nem as armas nem os equipamentos indispensáveis para armar os seus próprios soldados e os indígenas susceptíveis de ser utilizados para fins militares. As autoridades militares locais tinham recebido, é certo, um número relativamente elevado de aviões durante as semanas que precederam de perto o ataque nipónico. Mas uma grande parte desses aviões eram de modelos antiquados, sobretudo quando postos em paralelo com os aviões utilizados, nessa fase da campanha, pelos japoneses cujos chefes tinham a consciência de que lhes era necessário agir com uma rapidez fulminante antes que a máquina de produção norte-americana trabalhasse a pleno rendimento.

O VALOR DAS TROPAS EM PRESENÇA

A qualidade das tropas utilizadas pelo comando local era, porém, incomparavelmente superior à daquelas que tinham sido utilizadas até ali contra os japoneses. Os indígenas que se batiam ao lado dos holandeses tinham um moral elevado. Esta circunstância era, em grande parte, consequência da sua dedicação compreensiva por um povo colonizador e civilizador em cujo contacto prolongado tinham aprendido a apreciar os benefícios da civilização e a superioridade de uma raça altamente tolerante e compreensiva. A solidariedade da população com as autoridades e com as tropas brancas afirmou-se, exuberantemente, em todas as fases da campanha conduzida pelas tropas nipónicas nas Índias Holandesas e este facto ficará, certamente, como um dos mais significativos desta guerra em que se desencadearam tantos apetites e ambições mal contidas.

Perante a excelência das tropas e a deficiência do material, os atacantes dispunham da superioridade incontestável e, em certos aspectos, mesmo decisiva. As suas forças navais e aéreas eram incomparavelmente superiores àquelas que os holandeses podiam utilizar. Além disso a direcção das operações, do lado japonês, esteve durante a luta para a posse

das Índias Holandesas sempre confiada a oficiais excelentemente preparados para esse género de operações. Os especialistas de desembarques tiveram uma larga parte na vitória do seu país. Tudo indica, embora a esse respeito nunca tenham sido fornecidas informações oficiais, que tenha sido pessoalmente o almirante Yamamoto quem tomou a direcção superior dessas operações. O facto deve ter influido para a decisão dos seus subordinados que fizeram, sob o ponto de vista militar, uma campanha impecável.

Esta, embora se revestisse de características sensivelmente diferentes daquelas que até ali tinham sido observadas no decurso da ofensiva nipónica do Pacífico, estava, como as anteriores, preparada em todos os seus pormenores e, perante a imprevisão evidente do adversário e apesar do heroísmo de que este deu sobejas provas, liquidou-se por um resultado idêntico embora mais pesado em perdas.

A RESERVA DOS JAPONESES

Os primeiros desembarques de japoneses no arquipélago malaio efectuaram-se no dia 5 de Janeiro de 1942. Os japoneses ocuparam a ilha da Labuan e Brunel, ao norte da parte inglesa de Borneu. No dia seguinte os aviões nipónicos apareceram a bombardear a base de Amboina repetindo-se este ataque com uma intensidade maior no dia 8 daquele mês. No dia 11, duas expedições, vindas de Mindanau, apareceram em Menado.

Confie no
VINHO DO
PORTO
COM O
SELO DE GARANTIA
DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

nas Celebes, e em Tarakan, no Borneu. Era evidente o propósito de desembarcar e, para isso, os atacantes procuravam cuidadosamente os pontos em que, segundo as informações dos seus serviços de espionagem ali tão activos como em todos os outros pontos do Pacífico, sabiam que a defesa se encontrava mais enfraquecida ou era menos vigilante.

O apazamento de nada menos de quinze transportes carregados de tropas e de material e equipamento moderníssimos deu, imediatamente, às autoridades holandesas, nota da extensão do perigo que ameaçava as suas possessões. Os referidos transportes apareciam protegidos por uma poderosa escolta da marinha de guerra japonesa a qual incluía pelo menos seis cruzadores e numerosos contra-torpedeiros. Contra este poder naval, assim ostensivamente afirmado, os holandeses podiam apenas utilizar as forças navais que tinham concentrado no Extremo Oriente e que eram manifestamente inferiores às dos japoneses. Estes beneficiavam ainda, como dissemos, duma superioridade igualmente decisiva no domínio aéreo a qual não podia sequer ser contrabalançada pela acção da artilharia anti-aérea local pois esta era em pequeno número e também de modelos sensivelmente antiquados.

Durante os dias que decorreram entre cinco e quinze de Janeiro os comunicados de guerra nipónicos não fizeram qualquer referência especial aos ataques em curso contra o arquipélago malaio. Era seu propósito evidente completar os preparativos em curso e só anunciar oficialmente a operação quando esta se encontrasse em pleno desenvolvimento.

(Continua)



zam a economia de Sumatra são o arroz, o gado, o petróleo e o estanho. Borneu tem as mais ricas culturas tropicais; o arroz, as especiarias, o petróleo, as madeiras, o ferro, o ouro, o cobre e o estanho. A população desta ilha anda à volta de três milhões de habitantes. As Celebes, com duzentos mil quilómetros quadrados e cerca de dois milhões de habitantes, são ricas em especiarias, arroz, madeiras, ouro, ferro, estanho, petróleo e cobre.

Compreende-se facilmente que o arquipélago malaio fôsse há muito objecto de cobiças estranhas. O Japão estava naturalmente indicado para ser um dos pretendentes à posse das magníficas riquezas que encerra o Império colonial que o génio colonizador da nação holandesa construiu em muitos anos de esforços incansáveis.

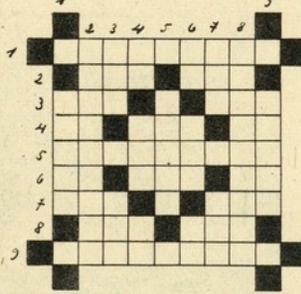
OS PRIMEIROS «RAIDS» DE AVIAÇÃO

Os primeiros «raids» da aviação nipónica sobre as ilhas mais setentrionais do arquipélago tinham mais o carácter de operações de reconhecimento do que de preparativos de uma ofensiva aérea em grande estilo. Mas



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 61



HORIZONTAIS: 1 — Dissoluta, 2 — Interj. (para excluir); Estar. 3 — Têm;

Furor. 4 — Nota mus. (inv.); Corre; Figura. 5 — Torrente. 6 — Existe; Fruto de madeira; Abrev. de sidem. 7 — Desgraça; Frivolo. 8 — Escameço; Possuir. 9 — Levaram a passeio. VERTICAIS: 1 — Serralho. 2 — Executara. 3 — Escudeiro; Lirio. 4 — Apelido; Mantilha; Art. m. (pl.). 5 — Recém-casado. 6 — Art. f. (pl.); Altar; Basta. 7 — Monarca; Enxergar. 8 — Espargira. 9 — Charrua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 60

HORIZONTAIS: 1 — Ama; Asa. 2 — Ardo. 3 — Local. 4 — Usa; Bar. 5 — Sor; Aoz; Ata. 6 — Malencarado. 7 — Ver; Ali; Raf. 8 — Ena; Era. 9 — Mitra. 10 — Adail. 11 — Ara; São. VERTICAIS: 1 — Jus; Veu. 2 — Somem. 3 — Arara. 4 — Mal; Mar. 5 — Aro; Ana; Ida. 6 — Iconoclasta. 7 — Ada; Sai; Ris. 8 — Sol; Ala. 9 — Padre. 10 — Atoar. 11 — Ora; Faz.

APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



OS FACTOS e as perspectivas

panorama internacional

por Francisco Velloso

EIS-NOS na Primavera, cujo advento, ainda há três meses, era apontado como início de prazo certo de transmutações inevitáveis. Sob o rigor da dupla ofensiva do exército russo e das fustigações da estação em plena estepa — essa planura frígida, verdadeiro domínio livre dos vendavais inclementes, de que Hitler fala sempre com justificado ódio — a Imprensa do Terceiro Reich, à uma, apelava para ela como para a época das desforras inexoráveis. Lendo os comunicados de Moscovo, a Imprensa de Londres e de Washington prometia que «ao rebentar da folha nova», o mundo assistiria ao grande, ao gigantesco levantamento de nunca vistos exércitos em armas, e aos golpes tremendos com que as Nações Unidas rasgariam o horizonte da sua vitória e do fim deste cataclismo.

Ao cabo, qual o panorama internacional?

RETRADAS E RETRADAS

Esta pergunta pode ser formulada de outra maneira, mais objectiva, que ajude os racioneiros dos leitores e observadores.

É incontestável que no fim do passado mês de Fevereiro, em todos os campos de batalha, nos desertos africanos como nas geladas planícies da Rússia, os exércitos alemães ainda vinham batendo em retirada desde Novembro. A transmutação, o reviramento da situação operara-se ibruscamente de ponta a ponta da imensa linha de combate, quer no continente, quer na vasta bacia do Mediterrâneo. Com razão, o «Basler Nachrichten», de Basileia, recordava que na primeira Grande Guerra «jamais os Aliados haviam conseguido, por meio de uma acção simultânea em todas as frentes, dar o máximo de força à pressão exercida contra as Potências Centrais», e que «pela primeira vez as Nações Unidas conseguiram tomar a ofensiva ao mesmo tempo em muitos pontos».

No entanto, a simples verificação deste facto não responde concretamente à questão. Ficava de pé a pergunta fundamental:

— As retradas alemãs são, realmente, acidentais ou excepções?

Aqui reside, sem dúvida, o nó do problema que a Primavera iria pôr em cima da mesa dos altos comandos e dos técnicos que estudam nesta guerra a maior experiência militar da História. Há duas espécies de retradas diziam estes: — a que marca uma derrota e a que constitui uma manobra conduzindo ao bom êxito. E citavam o famoso conceito de Napoleão: «Uma retrada voluntária é um movimento como qualquer outro, que de situações aparentemente sem saída faz render a possibilidade de emprender paradas ou contra-ataques. As retradas dos grandes chefes e de exércitos bem treinados, assemelham-se ao recuo furtivo do leão ferido». Para ilustrar este dito do magnífico génio imperial, os mesmos técnicos advertiam, porém, que a retrada alemã, começada em Novembro, ainda não cessara, e que nenhuma pode ser indefinidamente conduzida. Para que surta, é necessário que ela cesse num certo ponto em que se citavam agora o grande mestre alemão Clausewitz) «o equilíbrio possa ser restabelecido, quer pelo reforço do exército que retira, quer pela protecção de fortificações impor-

tantes, quer pela imensidade do terreno, quer pelo desgaste do exército inimigo. Porque, se tal equilíbrio não for restabelecido, se não se conseguir passar à contra-offensiva, então a retrada (continuava o mesmo doutor) significa uma despesa inútil de forças que não só não promete o triunfo mas provoca o revés, e, conforme ensina a experiência comum, reverses de desmedido alcance».

Ora, o estado maior alemão apresentava no Inverno de 1942, isto é, quando Zuckov abriu a sua ofensiva no colchete do Don, como o inevitável movimento pendular em que vinha decorrendo desde Junho de 1941 a sorte da campanha a leste, em cujo destino tem repousado até hoje para as Nações Unidas e para a Alemanha, com surpreendentes consequências de ordem política, todo o destino da guerra: — os exércitos alemães recuavam no Inverno para na Primavera voltarem à carga. E consoante nos collocassemos neste ponto de vista ou no oposto, chegaríamos à Primavera, ou seja a este momento, a conclusões diversas para a nova fase das operações.

A partir destas considerações que aduzimos, para mero esclarecimento dos sucessos, à laia de prólogo, os factos passam a falar a linguagem forte da realidade. E ela vale mais que as teorias e os prognósticos.

O FINAL DUMA FASE

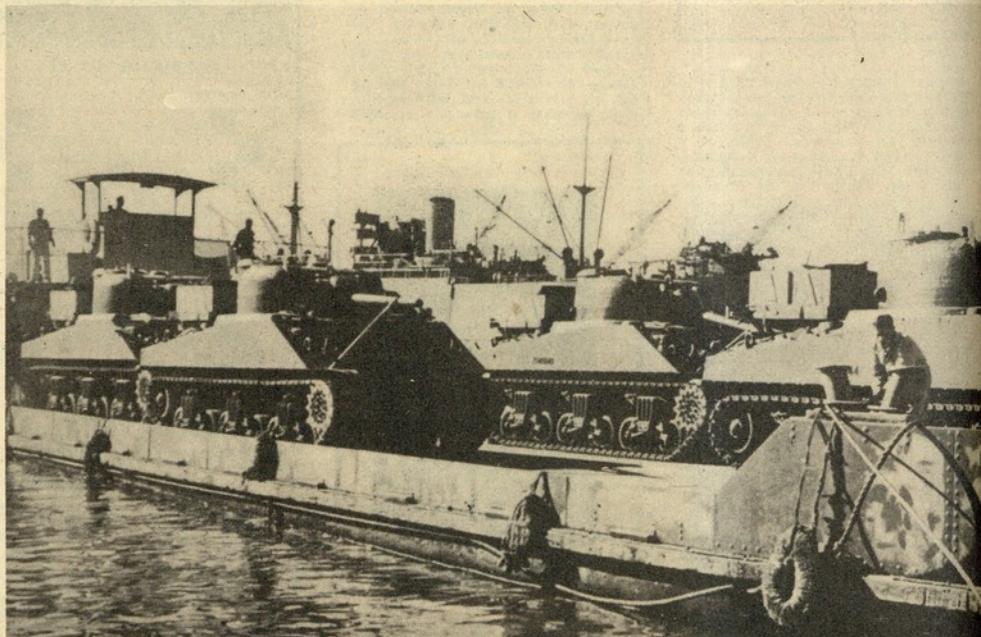
Dois acontecimentos apareceram na última oitava: — a conclusão da reacção do alto-comando alemão a leste, a ofensiva dos Aliados na Tunísia.

Vamos à primeira. A 19, essa reacção ainda bate marteladas em toda a linha do Donetz, simultâneas da batalha que em semi-círculo na parte setentrional da frente, o marechal Timochemo fez abrir contra Smoleisico. O marechal von Manstein que Hitler chamara para junto de si (e está confirmado que, como aqui contámos, os velhos generais, Halder,

von Bock e outros acudiram outra vez à direcção da guerra) feria a resistência russa sobretudo em Chuguyev a 45 quilómetros a sueste da reconquistada Karkov. Nesse dia os alemães retomavam Bielgorod. Foi o ponto agudo da contra-offensiva. Os russos davam de Moscovo vozes de vivo alarme: «os alemães atacam de cada vez com mais violência, resolução e coragem» dizia o correspondente da Reuter quando o comando alemão procurava ligar este começo de deflagração no distrito de Swesk com o saliente de Orel. Os russos defenderam-no com firmeza. A batalha passara de ataque frontal em toda a linha do Donetz a concentradas investidas nos flancos de cada sector. Ao norte, Timochemo procurava uma nova ofensiva na região de Leninegrado e ao sul do Lago Ladoga e focava nas primeiras obras de defesa exterior de Smolensico. Para desorganizar estes assaltos os alemães vinham lançar na frente de Bryansk e na direcção de Zhizdra para o curso superior do Donetz uma ofensiva de pressão. Em alguns pontos, na parte sul deste rio, a contra-offensiva alemã ultrapassara para a margem oriental mas não se sustentara lá. E eis que no comunicado oficial alemão de 25 aparece, preparada aliás há dias em comunicados anteriores — a declaração de que a contra-offensiva está encerrada. Na noite de 22 a 23 o porta-voz oficial general von Dittmar, dizia pela rádio de Berlim: «A batalha ainda continua mas no último acto da nossa bem sucedida contra-offensiva cuja fase principal foi a reconquista de Karkov. Agora aproxima-se do fim porque a lei das estações, o desgelo e a lama tornam as operações impossíveis, e assim o ordenam. Se fôssemos a med-las pelas das guerras anteriores, seria uma grande batalha, mas avaliada pelo que acon-

teceu neste inverno, apenas pode ser encarada já como combates locais. O general admite, como aliás todos os chefes do Reich lealmente o declararam sem reticências, que a ofensiva soviética do inverno foi muito custosa para os exércitos alemães, que estas perdas, tanto de um como de outro dos adversários, podem vir a ter consequências nos recursos das campanhas futuras», que «o russo, a despeito de perdas verdadeiramente excepcionais, possui enormes reservas, pôde manter grande superioridade numérica e uma grande produção de artilharia, tanques e bombas e que «o seu alto-comando aprendeu a fazer movimentos em grande escala e com grandes massas». Mas von Dittmar sabe acrescentar que a vitória alemã não depende simplesmente da produção mas «do espírito de combate que prepara grandes surpresas».

Dois dias antes, Adolfo Hitler, orando no Zenghaus em Berlim ao celebrar o Dia dos Mortos da Guerra, fez duas ordens de afirmações que é preciso conjugar às que acabamos de ler. «Foi vencida — na frente leste, disse, e definitivamente, a crise em que o exército alemão havia sido precipitado pela injustiça do Destino. Estabilizada a frente e tomadas todas as medidas necessárias para dentro de um mês serem obtidos os êxitos necessários para a vitória final, é agora possível levantar a suspensão que havia sido decretada sobre licenças no exército». Depois saudando o espírito com que o povo alemão, sem derrotismos, respondeu à «gigantesca mobilização», ainda em curso, anunciou que a produção do armamento aumenta constantemente, que milhões de homens reforçaram os efectivos dos exércitos, e que as forças armadas alemãs se transformaram assim numa nação em armas».



O material de guerra para os exércitos das Nações Unidas chega em verdadeiras avalanches aos portos do norte de África

Eis com o que as Nações Unidas têm de contar. O *Berliner Boensenzeltung* no dia 25, chamava à batalha que acabava de travar-se no sul da frente o *milagre de Donetz*, comparando-o ao *milagre do Marne* que salvou a França na outra guerra, e revelando que uma spergosa e terrível crise surgira na fase final da batalha de Estalinegrado quando o colapso da frente sul esteve eminente. Durante as passadas quatro semanas houve um verdadeiro milagre na frente sul. A história também o registará. A batalha de Smolensco continua. É o laço de ligação entre as duas campanhas, a que termina e a que começa.

A BATALHA DA TUNISIA

Eis-nos agora perante o outro acontecimento.

No dia 18, o comunicado de Berlim clamava que o general Montgomery havia lançado uma ofensiva à linha Mareth. De Londres afirmava-se nada se saber do feito, embora se deixasse transparecer que o famoso cabo de guerra havia recedido de actividade, e que a estrada e a via férrea de Gabes a Sfax, estas vias de abastecimento de Rommel, estavam a ser batidas e cortadas pela artilharia e pela aviação. Aponava-se no entanto que entre a extremidade norte da Linha e o mar há uma brecha de cerca de 15 quilómetros e pode bem ser um ponto fraco. Nesse dia os americanos reconquistavam Gafsa. Montgomery aproveitara efectivamente aquela brecha.

No dia seguinte as notícias ganhavam maior vulto com o avanço para El Guettar dos americanos do denominado 5.º exército de Clark, agora sob o comando do general Patton. A batalha ofensiva estava aberta. Restava aguardar informações. E não tardaram.

Os americanos ao longo da estrada de Gafsa para a costa até Mehares, haviam ultrapassado Maknassy, a 60 quilómetros do litoral. Por El Guettar e dando o flanco ao grupo francês que marcha ao longo da margem norte do pantano salino de Chott-el-Djerib, o mesmo exército visava a estrada de El Hama, pequena aldeia que forma a extrema oeste de uma série de fortificações de protecção à retaguarda da Linha de Mareth, entre ela e o mar em Gabes. O movimento que chamou mais a atenção foi, porém, o de Montgomery.

O general meteu uma cunha naquele espaço da brecha atrás aludido, lançou-se da aldeia de Mareth para o norte, e por uma acção contornante fez avançar numa marcha de 160 quilómetros um grupo que apareceu a 15 quilómetros de El Hama pela parte do Sul, a 30 quilómetros de Gabes.

Batalha de cerco cortando a Rommel as salinas para o norte, o marechal alemão que se meteu com muitos recursos dentro das poderosas fortificações francesas de 1937, reagiu logo ao assalto e no dia 25,

como uma desembarcada sacudida de ombros, contra-atacou em Maknassy e El Guettar e contra a cunha fendida pelo adversário na Linha Mareth a quem arrebatou parte do terreno conquistado. No outro dia Montgomery restabeleceu a situação parcialmente.

Esta reacção alemã fez resfriar o precipitado clamor que os acontecimentos haviam provocado com esporádicos optimismos. Churchill houve de vir aos Comuns repetir, como já fizera no Cairo, que a batalha seria violentíssima e prolongada. Alguns jornalistas ingleses chamavam-lhe já prólogo do assalto à Europa. A opinião pública reconsiderou. Quando nesse dia à noite o Primeiro Ministro, acompanhado de sua mulher apareceu a um camarote do *Strand Theatre* para ouvir *Arsenic and Old Lace*, foi descoberto e aclamado com tal entusiasmo que se comoveu. Depois da grave doença que o affligira, era a primeira vez que aparecia em público. As notícias de África eram nessa tarde mais animadoras. Rommel não repetira os contra-ataques. Os ingleses atiravam para cima da Linha de Mareth toneladas de fogo e não cediam palmo.

O cronista militar do *News Chronicle* fez advertentemente um lúcido resumo da situação lembrando que a batalha da Tunísia não é uma segunda batalha de El Alamein. Então, a frente estendia-se por apertadas 40 milhas, desde o Mediterrâneo à Depressão de Catara, consentindo apenas uma batalha táctica entre forças numerosas e separadas. Agora, a batalha tem plena amplitude estratégica em 320 milhas de frente, desde a do 1.º exército de Anderson que começa de esboçar uma acção complementar, até ao Sul. Esta perspectiva vem iluminar o quadro, e justificar os avisos de Churchill. Nem faltam ao inimigo, com os reforços que tem recebido, os meios de acção. E é bom recordar.

HORIZONTES

As primeiras operações na África do Norte foram uma corrida de velocidade entre adversários. Ao mesmo tempo que usavam da aviação para transportes, utilizaram-na os alemães para combate. Os Aliados multiplicaram os bombardeamentos dos portos e centros de produção italianos. Nesta primeira fase conseguiram os alemães tomar dianteira e instalar-se em larga parte da Tunísia.

Os Aliados pretenderam ir direitos a Tunes, o mais dentro possível, seguindo o mesmo método da expedição à Argélia e a Marrocos, repellido o inimigo para o estreito corredor do litoral leste. Assim fizeram as três cotunas, inglesa, americana e francesa, a primeira ao longo da costa, a segunda pelas montanhas de Medjerda, a terceira ao sul, pelos contrafortes da Tunísia. As dificuldades do abastecimento entravaram-nas.

«Uma tonelagem considerável é indispensável para transportar o equipamento e manter a jacto continuo de abastecimento um exército moderno. Contam-se 10,5 toneladas por soldado, e em seguida tonelada e meia por mês para sustento. Faz-se pois, idêia da frota exigida para trazer e abastecer as centenas de milhares de homens na África do Norte. Além disto, os meios de comunicação na Argélia e em Marrocos são difíceis para uma rápida concentração».

A batalha de hoje evoca naturalmente esses dias. Mas o problema agora é diferente, quando se antepõe um dilema mais vivo: — o de liquidar uma situação instável em que o inimigo prende importantíssimos meios aos exércitos dos Aliados, ou de ir procurar outros meios — os da segunda frente — para, com os russos impedir que o novo exército do Reich possa fazer entrada num caminho de fim da Primavera ou de Verão. O que equivale a pôr em causa toda a questão da segunda frente.

Remataremos anotando a importância que vão assumindo de cada vez mais os problemas do após-guerra que chamaram a Washington o ministro dos negócios estrangeiros inglês.

Churchill acaba de expôr aos Comuns o seu plano de quatro anos para a reconstrução interna da Grã-Bretanha, e a sua visão geral dos lineamentos a que deve obedecer a da Europa e da Ásia.

De como os dois blocos estão sofrendo do mesmo período de crise, basta a provar-no-lo que a Inglaterra começou a desintegração da mão de obra, tal como já se fez na Alemanha, encerrando fábricas e estabelecimentos para arrebANHAR braços para a indústria de guerra.

O ministro dos negócios estrangeiros do governo polaco, conde de Raczkinski, vem de fazer em Londres perante a Comissão dos negócios estrangeiros do Conselho Nacional declarações de alta importância acerca dos problemas da reconstrução politica e económica após a guerra.

Depois de afirmar que todas as nações têm o dever de prestar ao debate e às evoluções de tais problemas a maior atenção, e que à Polónia, primeira nação a entrar na guerra não tendo assinado com o seu inimigo nem armistício nem capitulações, nada neste momento em que derrama o seu sangue e gasta as suas riquezas, o pode interessar mais, — o conde de Raczkinski estabeleceu uma série de princípios por assim dizer basilares em que todos os trabalhos têm de ser efectuados:

«O programa ideológico das Nações Unidas segundo a concepção actual, repousa antes de tudo nas quatro liberdades da Carta do Atlântico que todas as Nações Unidas aceitaram. É contudo necessário adaptar esse quadro às necessidades reais de momento. A reconstrução do após guerra deve englobar tanto as grandes potências como as pequenas, individualmente

ou, como nós esperamos, colectivamente sob a forma de federações ou entendimentos regionais. O Marechal Smuts fez ultimamente no seu memorável discurso pronunciado em Londres sugestões muito justas para aceitar como ponto de partida de uma organização futura a organização já existente das Nações Unidas, alargando o seu âmbito e completando o mais depressa possível o sistema em conformidade com regras que se deveriam estabelecer com esse fim».

Reverte pois o governo polaco à idêia dos agrupamentos por mais de uma vez já defendida por Eden, e ventilada ainda há dias em artigos do *Times* que causaram impressão.

Tornou-se visível, com efeito, que o ministro polaco visava a doutrina expandida no mesmo jornal.

Na verdade, regitando todas as idêias em que se ofenda directa ou indirectamente o principio essencial de que as pequenas potências, tanto como as grandes devem participar uma posição de igualdade na organização do mundo de amanhã, e lembrando que a guerra não foi desencadeada pelas pequenas potências mas pelas grandes potências agressivas e sedentas de conquistas, o conde de Raczkinski marcou as diferenças entre duas concepções cujo atrito porventura determinou a viagem de Eden a Washington:

«Os serviços da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Rússia e da China, no Continente Asiático, na obtenção da vitória, serão grandes. A sua colaboração prestada à defesa dos principios proclamados há-de ser geralmente apreciada e voluntariamente apoiada pelos outros membros das nações Unidas. Seria um erro, não obstante, canalizar essa colaboração no sentido de um agrupamento exclusivo no género do pacto de quatro potências, segundo modelo abortado, que Mussolini criou, para obter concessões para a Alemanha e para a Itália. Um tal pacto apenas foi realizado uma vez — em Munich — com resultados que todos conhecemos muito bem. O consentimento dado à opinião alemã, profundamente imoral, do espaço vital, seja sob que forma for, seria um erro tão grande como o de Munich. É apenas uma forma de dessemular as conquistas. Não posso aceitar a maneira por que foi tratado este problema por um dos maiores jornais de Londres, na véspera da partida de Eden para os Estados Unidos. Tenho motivos para crer que esse artigo exprime tão somente as opiniões desse jornal que nós já anteriormente tivemos ocasião de conhecer».

A alusão ao que o *Times* classificava de «proximidades geográficas» como factor dominante da organização dos agrupamentos futuros de Estados na Europa Central, diante da Rússia, é por demais transparente, para que se negue às declarações do conde de Raczkinski uma significativa e oportuna repercussão.

Senhores delegados vamos lá a saber!..



A idade das raposas não termina com as últimas provas ao sair da Universidade. Ficar «chumbado», «estiquei» ou «apanhar raposa» é linguagem que acompanha o cidadão pela vida fora, dia-a-dia, a fazer ginástica de idêias e movimentos... No dia 11, dezamove delegados de 1.ª classe apresentaram-se no S. T. J. a prestar provas escritas para juizes da Direito. A seu lado, fazendo concorrência às «cábulas», as malas de viagem constituem parte da sua sábia bagagem, pois estão



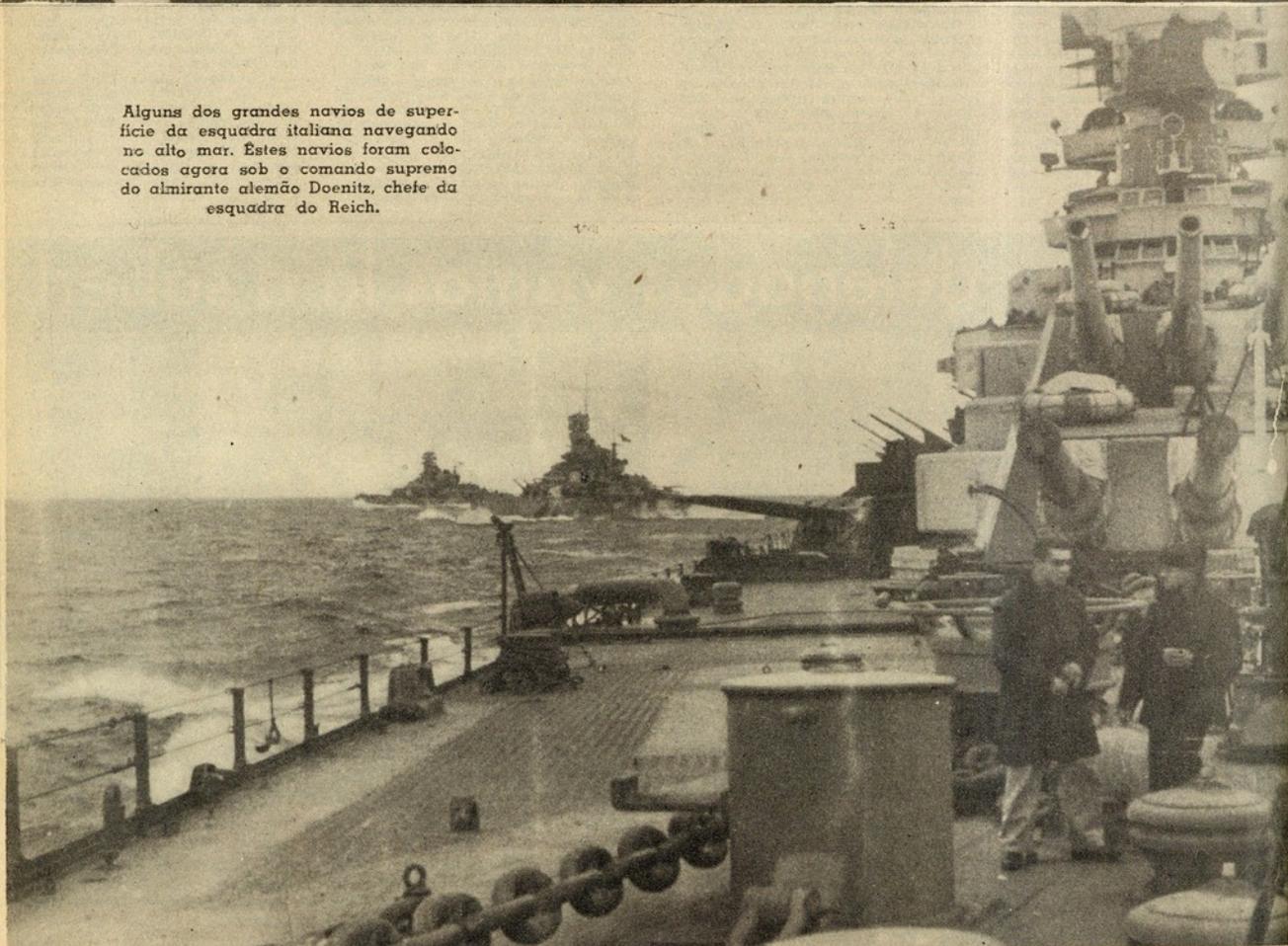
repletas de cartapácios que os «aunços» consultam de vez em quando...

... enquanto não chegou a hora da prova oral... Ali, fia mais fino: perante um juri de quatro conselheiros, tendo por arguentes dois Professores da Faculdade, um desembargador e um conselheiro, os candidatos sujeitam-se à prova de torniquete. São apertados e só com certeza passam aqueles que, ao serem julgados, mostrem que serão bons julgadores...

Estes jovens pilotos italianos estão prontos
a partir para o grande combate dos ares...



Alguns dos grandes navios de superfície da esquadra italiana navegando no alto mar. Estes navios foram colocados agora sob o comando supremo do almirante alemão Doenitz, chefe da esquadra do Reich.



RUMORES DO MUNDO

Qual foi o fim que se pretende atingir com a formação do 6.º Exército americano?

O coronel Stimson, ministro da Guerra dos Estados Unidos, ao anunciar a formação do 6.º Exército americano na Austrália, atribuiu a Mac Arthur o conselho da sua organização. Ele teria reconhecido, de facto, que o potencial das forças americanas naquelas paragens já justificava a organização dum exército de campanha, constituído por todos os contingentes de combate distribuídos pelo Sudoeste do Pacífico.

No comando deste novo exército foi colocado o tenente-general Walter Krueger, hoje com sessenta e dois anos. Nasceu — note-se... — na Prússia Ocidental e foi levado para os Estados Unidos, com oito anos, alistando-se como soldado raso em 1899. Foi chefe do Corpo de Tanques Americanos em França, durante a guerra de 1914-18 e, em Maio de 1941, foi promovido a tenente-general, sendo nomeado comandante do 3.º Exército dos Estados Unidos. O seu sucessor naquele posto foi o major-general Courtney Hodges, que, para o efeito, foi promovido a tenente-general.

Quais as consequências da visita do ex-rei Fernando da Bulgária a seu filho Boris?

Foi em princípios de Março que as agências de informação turcas anunciaram a chegada do ex-rei Fernando à capital búlgara, como enviado especial do chanceler Hitler.

Segundo a mesma fonte de informação, o chefe do III Reich encarregara o ex-monarca, que e desde a sua abdicção tem vivido na Alemanha, de convencer o rei Boris a apoiar mais activamente a política militar alemã.

Todavia, como o rei Fernando conta muitas inimizades entre a população da Bulgária — principalmente, entre o Partido Agrário que, contra ele, já levou a efeito várias tentativas de homicídio — a sua presença em Sofia não estava destinada a um bom acolhimento. Daí, o ser a Imprensa búlgara aconselhada a não fazer referências à chegada e estadia do antigo monarca.

A visita de Fernando a seu filho Boris destinava-se à sugestão do estabelecimento duma zona neutral com quarenta quilómetros de profundidade entre a fronteira búlgara e a turca.

Esta sugestão é apreciada em Ankara de duas maneiras, absolutamente contraditórias: ou os alemães procuram convencer a Turquia de

que este país não tem nada a temer da Alemanha, ou tencionam preparar em segredo uma zona onde possam desencadear um ataque de surpresa em direcção ao Médio Oriente, através da Turquia, durante esta Primavera.

Em que consiste a questão da delimitação das futuras fronteiras entre a Polónia e a Rússia?

TANTO dum lado como doutro dos beligerantes, se anunciam novos programas políticos, militares e económicos para o período do post-guerra, cada qual procurando, como consequência imediata, fazer prevalecer, em caso de vitória, as suas opiniões e pontos de vista. Daqui resultam de quando em quando certos atritos de carácter político entre Governos que combatem do mesmo lado contra os mesmos inimigos.

Deste género de conflitos, ressalta a questão da delimitação das fronteiras entre a Polónia e a Rússia, que está a ser discutida entre o sr. Romer, embaixador polaco em Moscovo, e o sr. Molotov, O Governô da U. R. S. S., exige, a este respeito, uma fronteira estratégica que satisfaça os seus interesses militares. Por conseguinte, declara que o único traçado fronteiriço que o satisfaz, é aquele que vigorou durante o período de colaboração germano-soviética.

Com ligeiras modificações, esta fronteira corresponderia à chamada Linha do Curzon que foi delineada e fixada pelo Conselho Supremo da Conferência da Paz em 1919. Baseada principalmente em considerações de carácter étnico, a Linha Curzon confinava a Polónia às margens do rio Bug, reduzindo a nação polaca a fronteiras menores do que as que tinha em 1772 e não incluindo a cidade de Vilna no património da Polónia. Como é natural, aos polacos não agrada semelhante divisão. E, assim, numa tentativa de conciliação, alguns entendidos e interessados no caso sugeriram um novo alinhamento favorável a ambos os países pela transferência para o ocidente da população alemã da Prússia Oriental e a entrega deste território à Polónia, o que garantiria a este país uma valiosa porta de saída para o mar Báltico.

Por enquanto, a questão parece manter-se neste pé... No entanto, fala-se numa provável conferência entre o general Sikorski e Estaline que estão interessados em discutir pessoalmente a questão.

O sr. Romer, quando partiu para Moscovo, levou uma mensagem pessoal do general polaco para o ditador «vermelho», exprimindo desejos de ver resolvidas estas divergências o mais depressa possível.

Há alguns meses, chegou a anunciar-se a ida de Sikorski à capital

soviética, mas tal viagem foi cancelada, em consequência do agravamento das relações entre os dois Governos.

Qual a nova missão de que foi incumbido Otto Abetz, ex-embaixador da Alemanha junto do Governo de Vichy?

CONFORME aqui referimos, Otto Abetz foi demitido do cargo de embaixador nazi em Vichy, após a ocupação total da França — consequência directa do desembarque das forças anglo-americanas no Norte de África.

No entanto, tal destituição não teve a inspiração das razões de desagrado dos chefes da diplomacia alemã. A prová-lo, está a sua nomeação para director-chefe dum grande posto emissor de T. S. F., que está a ser instalado em Mónaco, e que disporá do mais poderoso transmissor existente nas áreas do Mediterrâneo e do Próximo e Médio-Oriente.

Estas funções, apesar do seu carácter particular, são consideradas pelos serviços de propaganda nazi extremamente importantes. Tanto assim, que Laval, não querendo, também, deixar os seus créditos por mãos alheias, nomeou para sub-chefe da referida emissora o seu genro, sr. De Chambrum, que é um dos seus mais próximos e directos colaboradores.

Quantos navios perdeu a armada britânica, desde que estalou a guerra?

QUANDO o sr. Alexander, Primeiro Lord do Almirantado, anunciou na Câmara dos Comuns, a 4 de Março, que os estaleiros britânicos tinham

construído desde o início da guerra, 900 navios de todas as categorias, a Câmara dos Lords pediu ao representante do Almirantado que lhe fornecesse os dados sobre as perdas sofridas, durante este mesmo período.

Lord Bruntisfield, secretário parlamentar do Almirantado na Câmara dos Pares, revelou, então, que o número das unidades de guerra e mercantes, afundadas até agora, ascendia a 416, assim discriminadas:

Navios de linha, 5; porta-aviões, 7; cruzadores, 25; navios mercantes transformados em cruzadores-auxiliares, 14; contra-torpedeiros, 94; corvetas, 14; submarinos, 44; monitores, 1; chalupas, 8; caça-minas, 22; barcos de pesca, armados, 156; lanchas a motor, 14; lança-minas,

1; «yachts», 3; canhoneiras, 5; barcos à vela armados, 3.

No final da sua declaração, Lord Bruntisfield acrescentou: «No entanto, devemos recordar-nos de que, apesar destas perdas, a nossa marinha é hoje muito mais forte do que antes da guerra».

Esta afirmação, aliás, está cabalmente demonstrada pelo saldo positivo registado a favor da produção dos estaleiros britânicos.

Quais foram as propostas feitas por Ribbentrop, a Mussolini, durante a visita do ministro dos Estrangeiros nazi a Roma?

OS círculos diplomáticos londrinos foram de opinião que a visita de Ribbentrop à capital italiana representou a resposta das potências do Eixo à Conferência da Rendição Incondicional e à subsequente viagem do sr. Churchill à Turquia.

As novas circunstâncias resultantes dos acontecimentos desenrolados na Europa e na África levaram os chefes do bloco italo-alemão a considerar de boa política a demonstração, mais uma vez, da sua solidariedade.

Durante os quatro dias que duraram as conferências de Ribbentrop com o Duce, o primeiro parece ter informado dos preparativos germânicos, de mobilização da mão de obra europeia, para um vasto programa defensivo que englobará os habitantes da Europa beligerante, ocupada e neutral. Própria a entrega das ilhas do Dodecaneso à Turquia numa tentativa de apaziguar os sentimentos pró-aliados dos turcos e afastá-los das Nações Unidas.

Em troca, a Itália receberia mais vastas compensações nos Balcans. O chefe fascista, porém, recusou, e no subsequente encontro de Hitler com Mussolini, algures na fronteira germano-italiana, foi combinado um plano que, segundo uma fonte autorizada suíça, teria por finalidade o seguinte programa, a cargo da nação latina do Eixo: reencetamento da actividade aérea e naval no Mediterrâneo, ampliação da comparticipação italiana na frente russa e envio de mais operários para a Alemanha.

Quais os valores numéricos em que se traduzem alguns dos abastecimentos do 8.º Exército?

O tenente-general sir Wilfrid Lindsell, administrador dos serviços de abastecimento do exército de Montgomery, revelou recentemente, que as forças combatentes do sul da Tunísia necessitam, diariamente, de 2.000 pneumáticos, e acrescentou que os fornecimentos eram feitos por 120.000 camiões em constantes viagens de ida e volta, transportando 2.400 toneladas de abastecimentos por dia.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



STIMSON



SIKORSKI



ABETZ



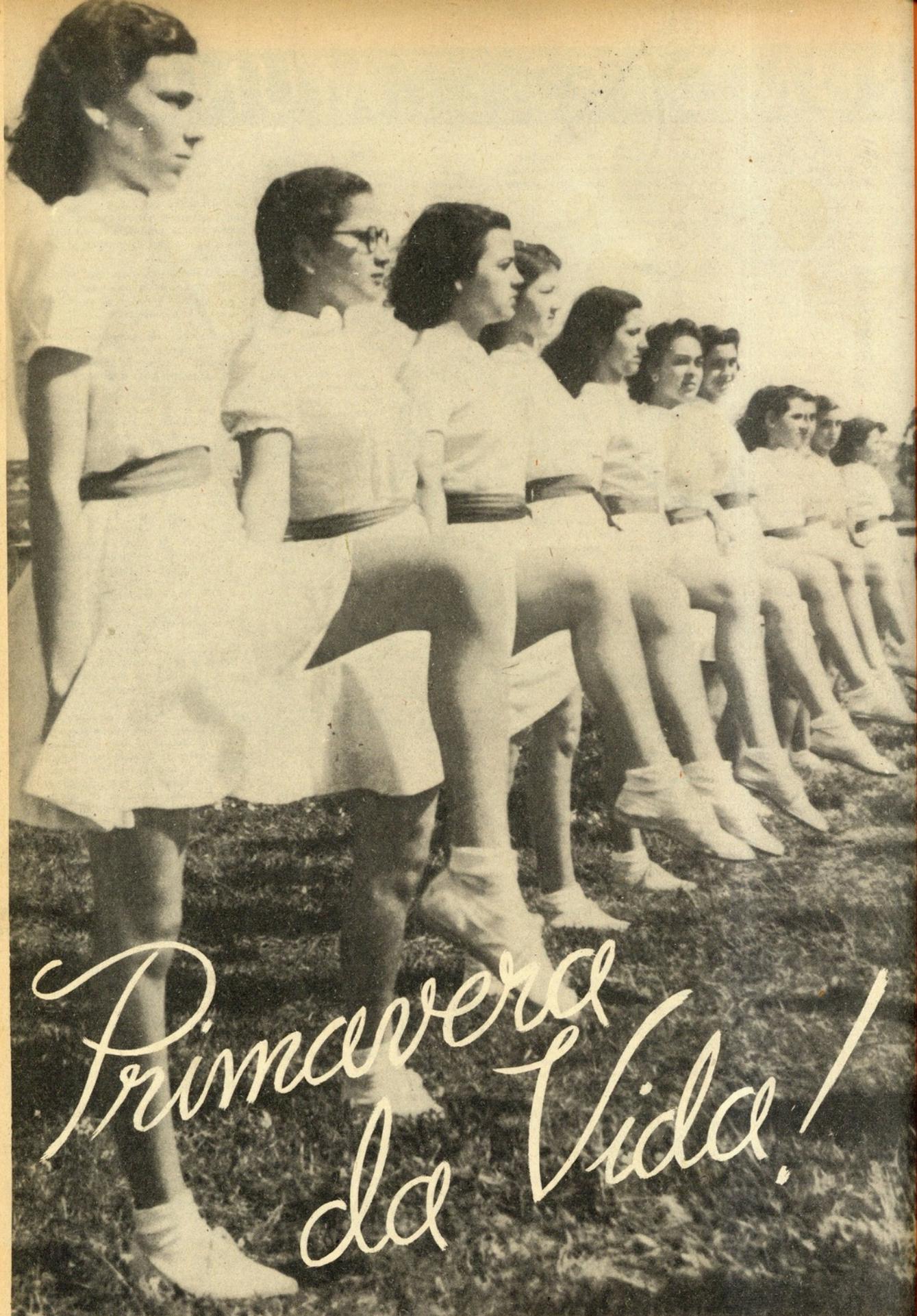
RIBBENTROP



BORIS



ALEXANDER



Primavera
da Vida!